

Os Neurônios-Espelho e a Mente-Espelho da Nova Psicanálise¹

Aristides Alonso²

Resumo: Recentes pesquisas sobre neurônios-espelho parecem confirmar a idéia da Nova Psicanálise sobre a instalação biológica da funcionalidade do Revirão (1982) no cérebro humano. Abre-se, pois, um novo leque de estudos na interface da psicanálise e das neurociências, com possibilidades de entendimentos mais precisos sobre o modo de funcionamento da mente humana e de outras formas de mente.

Palavras-chave: Neurônios-espelho; Revirão; Psicanálise.

Abstract: New Psychoanalysis' idea about the biological installation of the Revirão (1982) (reversal / return) in the brain seems to be confirmed by the recent researches on the mirror neurons. A better understanding of the human mind (and of other forms of mind) can be foreseen in these new possibilities of studies on the interface between psychoanalysis and neuroscience.

Keywords: Mirror neurons; Revirão (reversal / return); Psychoanalysis.

O Real é puro espelho.

MD Magno³

O que é um espelho? É o único material inventado que é natural. Quem olha um espelho, quem consegue vê-lo sem se ver, quem entende que sua profundidade consiste em ele ser vazio, quem caminha para dentro de seu espaço transparente sem deixar nele o vestígio da própria imagem – esse alguém então percebeu o seu mistério de coisa. Para isso há que se surpreendê-lo quando está sozinho, quando pendurado num quarto vazio, sem esquecer que a mais tênue agulha diante dele poderia transformá-lo em simples imagem de uma agulha, tão sensível é o espelho na sua qualidade de reflexão levíssima, só imagem e não o corpo. (...)

Clarice Lispector⁴

¹ Pesquisa realizada a partir da 7ª seção (10/06/06) do Falatório de MD Magno [2006], *AmaZonas: a psicanálise de A a Z*. Trabalho produzido para o Projeto Integrado de Pesquisa *Um Pensamento Original no Brasil: Revisão da Modernidade*, da Linha de Pesquisa *Psicanálise, Cultura e Modernidade (...etc. – Estudos Transitivos do Contemporâneo/CNPq)*.

² Doutor em Letras (UFRJ) e Pós-Doutor em Comunicação (Centro de Estudos da Comunicação e Linguagens / Universidade Nova de Lisboa). Pesquisador do *...etc.* – Estudos Transitivos do Contemporâneo (CNPq) e Coordenador do *TecMen - Tecnologias da Mente* (Projeto de Extensão / UERJ). Professor (Universidade do Estado do Rio de Janeiro / UERJ). Diretor da *UniverCidadeDeDeus* e membro da *NovaMente*. www.novamente.org.br / aristidesalonso@br.inter.net.

³ Magno [1991]: v.2, 12.

⁴ Lispector, 1978: 79-80.

Boas notícias para a psicanálise e os estudos da mente. Trata-se de uma das descobertas mais importantes das neurociências: os neurônios-espelho. Espalhados por áreas fundamentais do cérebro, esses neurônios são responsáveis pela aprendizagem de atividades como sorrir, conversar, caminhar ou tocar piano. Em sua forma mais elementar, significa que imitamos mentalmente uma ação observada, entendendo empaticamente as intenções e o significado das ações realizadas pelos outros. Isto sugere uma base biológica para a dinâmica de aquisição da linguagem, para a complexa rede de trocas da cultura e para as patologias psicossociais em suas variadas formas.

Os neurocientistas que os descobriram são Giacomo Rizzolatti (1937-), Vittorio Gallese (1959-), Luciano Fadiga (1961-) e Leonardo Fogassi (1958-) da Universidade de Parma, na Itália. Para alguns cientistas, como Vilayanur S. Ramachandran (1951-), da Universidade da Califórnia em San Diego, os neurônios-espelho farão pela psicologia o que o DNA fez pela biologia: um sistema de referências unificador capaz de explicar o funcionamento de nossa mente. Daí ele concluir, por exemplo, que podemos compreender como os seres humanos deram “um grande salto à frente” (“the great leap forward”) cerca de 50 mil anos atrás, quando adquiriram novas habilidades que tornaram possível a cultura humana (uso das línguas e das ferramentas).

Desde 1982, ao postular o aparelho lógico do Revirão como modelo unificador de funcionamento da mente (a partir da idéia freudiana de Pulsão de Morte), MD Magno (1938-) vem afirmando tese semelhante, com conseqüências ainda mais amplas. Para sua teoria do psiquismo, há em operação na mente (e mesmo no conjunto genérico de tudo que há, o *Haver*) um princípio que a faz funcionar segundo um movimento de polarização das oposições como se houvesse um espelho radical entre elas. Vigora aí um *princípio de catoptria* (*katoptron*: ‘espelho’, em grego): para qualquer coisa posta, seu avesso é também pensável, requerido e mesmo factível. Este princípio rege não apenas os movimentos psíquicos como Freud havia descrito, mas também os movimentos do Haver como um todo.

O Revirão designa a essencialidade pulsional da espécie e trata da possibilidade de pensar o *enantiomorfismo total*, isto é, o avesso radical de qualquer afirmação ou identidade. E é justamente essa *função catóptrica* presente na lógica do Revirão que produz a linguagem humana em toda sua complexidade. Com essa hipótese e suas conseqüências, Magno fez a crítica [1988] da noção lacaniana de *estádio do espelho* (1936) inspirada nas idéias de Henri Wallon (1879-1962) e na etologia de seu tempo (Konrad Lorenz (1903-1989) principalmente). Ele afirma que a competência de reviramento está dada primariamente em nosso cérebro e que caberia às pesquisas científicas demonstrá-la. Buscaremos expor a seguir a hipótese de que, com os resultados recentes das pesquisas

sobre os neurônios-espelho, essa aposta sobre a *instalação biológica da funcionalidade do Revirão no cérebro* (1982) parece confirmar-se e abrir novas possibilidades de estudos na interface da psicanálise e das neurociências.

Vejamos, então, as principais idéias e conceitos envolvidos na discussão sobre o funcionamento da mente e sua analogia com o espelho em seus múltiplos sentidos.

1. Os neurônios-espelho

Os neurônios-espelho (também conhecidos como células-espelho) são neurônios que disparam tanto quando um animal realiza uma ação, como quando observa outro animal – normalmente da mesma espécie – fazer o mesmo ato. Os neurocientistas entendem que esse tipo de neurônio *imita* o comportamento de outro animal *como se estivesse ele próprio realizando essa ação*. Esse tipo de neurônio já foi observado de forma direta em primatas e acredita-se que também exista em algumas espécies de pássaros. Nos seres humanos, observa-se igualmente atividade cerebral consistente com a presença de neurônios-espelho no córtex pré-motor e no lobo parietal inferior. A descoberta deste tipo de células é considerada uma das mais importantes da neurociência da última década, pois acredita-se que possam ser decisivas no mecanismo de imitação e na aquisição da linguagem.

Em 1998, Rizzolatti e Michael A. Arbib (1940-) descobriram uma das regiões particularmente ricas em *neurônios-espelho*, a área de Broca, a mesma que, por volta de 1850, Paul Broca (1824-1880) reconheceu como fundamental para o processamento da linguagem. Neste caso, tanto faz ser linguagem falada, código de sinais ou realização de ações. A partir dessas experiências, hoje sabemos que os mesmos neurônios que entram em atividade quando, por exemplo, somos espetados por uma agulha, são acionados quando vemos outra pessoa também sendo espetada. Literalmente, isto significa que experimentamos a dor alheia como em um processo reflexivo ou especular. Mediante técnicas de imageamento cerebral, como eletroencefalograma (EEG) e ressonância magnética (fMRI), tornou-se possível verificar que experimentamos as emoções alheias com a mesma intensidade com que vivenciamos nossas próprias emoções (Rizzolatti, 2006: 46-51).

Recentemente, pesquisas semelhantes comprovaram que elefantes também têm a capacidade de se reconhecer quando colocados em frente a espelhos⁵, e camundongos sentem compaixão ao observar companheiros sofrendo em gaiolas próximas. Apesar de, à primeira vista, isto parecer mera curiosidade do mundo selvagem, essas descobertas sugerem que, assim como os humanos, alguns animais são também dotados de certo grau de “autoconsciência” e podem reconhecer sua imagem em frente a um espelho. Haja

⁵ Notícia no Jornal da Ciência de 02/11/2006. <www.jornaldaciencia.org.br>

vista ao conhecido *teste de reconhecimento no espelho*, muito empregado pelos etólogos (Iacoboni, 2008: 135-41).

O papel dos neurônios-espelho no movimento dos seres vivos e em outras funções já foi tema de estudos no passado, mas agora o foco se dirige para o que parece ser a função principal dessas células: o modo como são ativadas em resposta a algo observado. Talvez isso possa explicar por que aprendemos a sorrir, conversar, caminhar ou jogar futebol, por exemplo.

Qual é, então, a relação entre as reações de certos animais (imitação, empatia, compaixão, repulsa, interesse) e o que sentimos diante de alguém que, por exemplo, acaba de se cortar? Graças à descoberta meio acidental feita por cientistas italianos da Universidade de Parma em 1996⁶, foi identificado o grupo de neurônios responsável por reconhecer outros indivíduos, relacionar-se com eles, e interpretar suas ações e expressões. Eles supunham estar apenas observando neurônios envolvidos na atividade motora do macaco, especificamente o córtex motor do cérebro (em particular, a área F5), associada ao movimento da mão e da boca. Seu objetivo era descobrir como os comandos para realizar determinadas ações são codificados pelos padrões de disparo neural, mas se depararam com uma descoberta de outro tipo.

Giacomo Rizzolatti e seu grupo, usando metodologia clássica, implantaram eletrodos em neurônios individuais do cérebro de macacos (área F5) para estudar aqueles que aumentavam a atividade quando algum deles realizava ações em troca de comida. Os eletrodos foram introduzidos no córtex frontal inferior para que fosse possível observar os neurônios especializados no controle de ações manuais (pegar objetos, por exemplo), pois é a atividade elétrica no cérebro que nos informa se determinado neurônio foi ativado em dado momento. Esta experiência dá acesso à funcionalidade cerebral em grau muito refinado de observação de uma célula individualmente, cuja atividade pode ser acompanhada passo a passo. São experiências invasivas e o implante de eletrodos é feito mediante cirurgia. Atualmente, já há tecnologia de imageamento cerebral não-invasiva (fMRI ou ressonância magnética funcional, MEG ou magnetoencefalografia, entre outras) que possibilita experimentos com seres humanos, cujos resultados podem ser comparados àqueles cirurgicamente realizados nos macacos (Iacoboni, 2008: 22-23).

O laboratório descrito por Rizzolatti estava equipado com grande repertório de estímulos para esses animais. Quando realizavam qualquer ação, como pegar alimento ou

⁶ Iacoboni, ao comentar a importância do conceito de *meme* (Dawkins) como exemplo de imitação produzido pelos neurônios-espelho, descreve o anedotário sobre o momento da descoberta desses neurônios por Vittorio Gallese: ele estaria chupando um sorvete no laboratório quando teria havido o disparo neuronal no macaco observado. Entretanto, nem Rizzolatti nem Gallese confirmaram esta versão da história. Ou seja, embora da maior importância, ninguém se lembra ou sabe exatamente como aconteceu o fato (Iacoboni, 2008: 52).

um brinquedo, os pesquisadores podiam ver qual conjunto específico de neurônios entrava em atividade na execução de determinados atos motores. Em certo momento, observaram que, quando um dos pesquisadores pegava comida, alguns neurônios disparavam como se os próprios macacos estivessem apanhando algo para comer. Uma vez descartada a hipótese de isto ser causado por algum fator trivial, puderam perceber que o padrão de atividade neuronal associado à ação observada era uma representação real do próprio ato no cérebro, mesmo que a ação não tivesse sido realizada pelo macaco (Rizzolatti, 2006 e Iacoboni, 2008).

A experiência inicialmente consistia em observar apenas um neurônio no cérebro do macaco enquanto ele tentava apanhar algum tipo de comida, de modo a medir a resposta neuronal a certos movimentos, mas os pesquisadores notaram que alguns neurônios respondiam tanto quando o macaco via uma pessoa pegando comida como quando ele próprio pegava. Dessa forma, puderam destacar um tipo de neurônio que dispara tanto quando o macaco realiza a ação, como quando observa ação semelhante sendo feita por um dos pesquisadores. É o que nomeiam “monkey see, monkey do”. Pesquisas posteriores confirmaram que aproximadamente 10% dos neurônios no córtex frontal inferior e no parietal inferior têm propriedades de “espelho” e dá respostas semelhantes tanto às ações realizadas quanto às apenas observadas. Os macacos são os únicos animais em que os neurônios-espelho foram pesquisados individualmente.

Pesquisou-se também se os neurônios-espelho F5 eram capazes de “reconhecer” ações apenas pelos sons que produziam. Registrou-se o comportamento do macaco enquanto este observava uma ação motora manual, como rasgar uma folha de papel ou quebrar uma casca de amendoim, e, logo a seguir, lhe era apresentado somente o som emitido nessas atividades. Resultou que também nesse caso, muitos neurônios F5, que tinham respondido à observação visual dos atos acompanhada por sons, agora respondiam apenas aos sons emitidos, sem o aspecto visual das atividades realizadas.

Outros experimentos foram feitos para verificar se o macaco, mesmo sem observar a ação, tem pistas suficientes para criar uma representação visual dela. Um deles foi posto diante de um pesquisador que tentava alcançar um alimento e depois o segurava. A seguir, o animal viu a mesma ação, mas com a parte final (pegar o alimento) encoberta por um biombo. Mesmo assim, mais da metade de seus neurônios-espelho F5 entraram em atividade quando ele só podia imaginar a conclusão do ato, pois estava fora de seu campo visual.

Após uma série de outros testes com macacos (por exemplo, movimento das mãos para pegar objetos visíveis ou, atrás de uma tela opaca, pegar comida ou observar um cientista pegando comida, etc.), Rizzolatti e seu grupo puderam confirmar que a atividade

dos neurônios-espelho serve de base para o entendimento de atos motores. Verificou-se que a compreensão de uma ação é possível em uma base não visual (como o som ou a representação mental) e ainda assim os neurônios disparam para sinalizar o significado do ato (2006: 44-48). Portanto, há possivelmente muitas funções diferentes para o sistema de neurônios-espelho. Entre elas, a linguagem, a compreensão das intenções, a empatia e o autismo.

1.1 *Neurônios-espelho no cérebro humano*

O próximo passo foi perguntar se também existiria um sistema de neurônios-espelho no cérebro humano. Não foi possível realizar uma pesquisa que estudasse a ação de um neurônio apenas como no caso dos macacos, mas uma série de experimentos que empregavam técnicas para detectar alterações na atividade do córtex motor forneceu indícios positivos. Enquanto voluntários observavam um pesquisador pegando objetos ou fazendo gestos sem significado com o braço, por exemplo, houve aumento da ativação neural em suas mãos e músculos associados aos mesmos movimentos, o que indicava uma resposta de neurônios-espelho nas áreas motoras de seus cérebros. Segundo Rizzolatti, outras pesquisas, que utilizaram eletroencefalograma e também técnicas de imageamento cerebral recorrendo à tomografia por emissão de pósitrons (PET, em inglês) para monitorar a atividade neuronal no cérebro, confirmaram a presença de um sistema de neurônios-espelho em seres humanos. Ainda para checar a existência de um mecanismo capaz de perceber as intenções em humanos, o grupo de Rizzolatti se associa ao de Marco Iacobini (1960-) na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, para mais experimentos, desta vez empregando o imageamento em ressonância magnética funcional (fMRI). Novamente, constatou-se que os neurônios-espelho humanos eram capazes de distinguir entre a ação de pegar uma xícara para beber ou pegá-la para levar embora. Os resultados demonstram que eles não apenas distinguem como respondem ativamente ao componente intencional de um ato (Iacoboni, 2008: 109-16).

Assim como as ações, os seres humanos também podem entender as emoções de mais de uma maneira. As observações de outra pessoa que está sentindo emoção desencadeiam uma elaboração cognitiva daquela informação sensorial, o que leva a uma conclusão lógica sobre as emoções das pessoas ao nosso redor: “Eu sei o que você está sentindo”. Esta frase comum para mostrar *empatia* pode ser literalmente verdadeira. Um mecanismo como esse pode não explicar tudo na cognição social, mas fornece, pela primeira vez, uma base neuronal a partir da qual comportamentos sociais são construídos. Outro exemplo é a emoção de nojo, uma reação básica para a sobrevivência da espécie. Em sua forma mais primitiva, o nojo indica que algo que se cheira ou se come é ruim e provavelmente

perigoso. Também nesse caso, experiências como inalar substâncias ruins e testemunhar o nojo no rosto de outra pessoa ativam em nós o mesmo sistema neuronal nas mesmas regiões. Tanto o observador quanto o observado compartilham um mecanismo neuronal que permite a existência de uma forma de compreensão empírica direta.

1.2 *Imitação e aprendizagem*

Outro aspecto decisivo diz respeito ao mecanismo da *imitação*. Embora a “macaque” seja muitas vezes usada para indicar a imitação, esta não é uma habilidade muito desenvolvida em primatas não humanos. É rara em macacos e muito limitada em outros primatas, como gorilas e chimpanzés. Para os humanos, pelo contrário, é o meio pelo qual se aprende e transmite habilidades e linguagem bem como se constitui cultura. Iacoboni e seu grupo conseguiram a primeira pista de que essa capacidade se desenvolve no substrato neural do sistema dos neurônios-espelho, através de fMRI, ao analisar humanos que observavam e imitavam movimentos com o dedo. Ambas as atividades disparavam o giro interior frontal, parte do sistema de neurônios-espelho, particularmente quando o movimento tinha um objetivo específico.

Mas a pesquisa foi além. Qual o papel dos neurônios-espelho quando temos que aprender atos motores completamente novos e complexos através da imitação? O grupo de Giovanni Buccino, do Centro de Pesquisas Jülich, Alemanha, empregou fMRI para estudar voluntários que imitavam notas no violão, após vê-las tocadas por um especialista. Enquanto os participantes do teste observavam o músico, seus sistemas de neurônios-espelho ficaram ativos e a mesma área foi ativada de forma ainda mais intensa durante a imitação dos movimentos nas cordas do violão.

Muitos aspectos da imitação são desconhecidos. Por exemplo, a questão básica de como o cérebro recebe informação visual e a traduz para ser reproduzida em termos motores (Rizzolatti, 2006:145-56). Se o sistema de neurônios-espelho serve de ponte nesse processo, além de fornecer uma compreensão das ações, intenções e emoções de outras pessoas, pode ter evoluído para tornar-se um importante componente da capacidade humana de aprendizado com base na observação de habilidades cognitivas sofisticadas.

As propriedades dos neurônios-espelho resolvem dois problemas fundamentais da comunicação: a *paridade* (que faz com que o significado no interior da mensagem seja o mesmo para emissor e destinatário) e a *compreensão direta* (eliminação da necessidade de um acordo interno entre as partes para que se entendam sobre signos arbitrários, por exemplo). Já que o acordo é inerente à organização neural de ambos, as ações podem ser consideradas mensagens que são entendidas pelo observador sem qualquer mediação cognitiva.

Outro ponto importante proposto pela pesquisa é o possível papel dos neurônios-espelho no surgimento e desenvolvimento da linguagem falada, uma das habilidades cognitivas mais sofisticadas da humanidade. Se, como muitos linguistas supõem, a comunicação humana pode ter começado com um tipo de linguagem gestual, os neurônios-espelho certamente participaram da evolução das línguas. Como vimos, as experiências com PET-Scan (positron emission tomography) sugerem que um sistema de reconhecimento de gestos também existe em humanos e inclui a área de Broca. Para Rizzolatti e Arbib, desse sistema – que implica observação e execução – pode-se deduzir uma ponte entre “fazer” e “comunicar”, e a ligação entre *ator* e *observador* se torna também a mesma que há entre *emissor* e *receptor* da mensagem (Rizzolatti e Arbib, 1998). A partir dessa hipótese, propuseram que o sistema de neurônios-espelho representa o mecanismo neurofisiológico a partir do qual a linguagem evoluiu, principalmente a partir da comunicação gestual (Corballis, 2002). Logo, sua semântica é inerente aos gestos usados na comunicação e o passo necessário para a evolução até a fala foi a transferência do significado do gesto, intrínseco ao próprio gesto, aos significados abstratos do som. Ou seja, a forte ligação que há entre mão e boca possibilitando a transformação dos sinais gestuais em articulação fonológica. Para isto, os circuitos neurais do movimento da mão, do braço e da mímica facial, que compõem a fala articulada, devem estar intrinsecamente relacionados, ou compartilhar um substrato neural comum. Vários estudos comprovam esta hipótese, o que mostra que os circuitos neuronais dos movimentos feitos com as mãos e com a boca estão estritamente ligados e esta ligação inclui os movimentos do aparelho fonador usados na produção da fala (Iacoboni, 2008: 84-9).

Esta última constatação permite indagar se os *espelhos internos* – uma vez que possibilitam a conexão sem palavras – não seriam a estrutura que possibilita a comunicação entre os humanos em seus múltiplos e complexos níveis (Rizzolatti, 2006).

1.3 Autismo, linguagem e cultura

Há alguns anos, dois grupos de cientistas que trabalhavam de maneira independente sugeriram que o autismo poderia estar associado à disfunção no sistema dos neurônios-espelho. Um grupo, na Escócia, dirigido por Justin Williams, especialista em autismo, que se juntou a Andrew Whiten, especialista em comportamento imitativo em primatas e Dave Parrett, especialista em neurofisiologia de macacos. Outro, de Vilayanur Ramachandran, da Universidade da Califórnia, San Diego, que pesquisava a supressão da onda mu em crianças com autismo ao mesmo tempo que observava ações de outras pessoas.

Estes cientistas supõem que a descoberta dos neurônios-espelho seja o elo perdido que ajudaria a explicar por que somente o homem, entre todas as espécies conhecidas, teve

capacidade cognitiva suficiente para desenvolver linguagem e cultura. Ramachandran se pergunta, inclusive, se essa descoberta não terá, para o estudo da mente, o mesmo impacto que teve a descoberta do DNA por James D. Watson (1928-) e Francis Crick (1916-2004) em 1953. Mas um de seus interesses principais é na relação entre os neurônios-espelho e o autismo.

Na década de 40, o psiquiatra americano Leo Kanner (1894-1981) e o pediatra austríaco Hans Asperger (1906-1980) descobriram o autismo, distúrbio que afeta milhares de crianças. Foram achados isolados, nenhum sabia o que o outro pesquisava, mas, por coincidência, deram o mesmo nome à “síndrome” – *autismo* – cujos traços mais marcantes são o isolamento do mundo exterior e a conseqüente perda de interação social. Atualmente, ela é denominada “transtornos do espectro do autismo”.

No final da década de 1990, Ramachandran e seu grupo passaram a buscar as possíveis conexões entre autismo e os neurônios-espelho. Os autistas não compreendem metáforas e muitas vezes as interpretam literalmente, assim como têm dificuldades em imitar gestos alheios. Demonstram preocupação exagerada com aspectos insignificantes e ignoram outros mais importantes, principalmente os referidos à socialização (2006: 54). Como já se sabe, o desenvolvimento da linguagem na infância requer integração de áreas cerebrais. Se os neurônios-espelho estão diretamente envolvidos nesse processo não se sabe, mas algum processo análogo deve existir. Tudo parece indicar que essa classe de células nervosas habilita o ser humano a enxergar a si mesmo como seu semelhante o enxerga, competência esta essencial tanto na autopercepção como na introspecção.

Para Ramachandran, os neurônios-espelho pareciam desempenhar as mesmas funções que estariam prejudicadas ou desintegradas nos autistas. Mediante a medição de ondas cerebrais com eletroencefalograma (EEG), detectou a supressão de ondas mu quando a criança monitorada fazia um gesto voluntário. Mas quando ela observava outra pessoa desempenhar a ação, a supressão das mesmas ondas não ocorria. A conclusão do experimento foi que o sistema motor da criança estava intacto, mas seu sistema de neurônios-espelho, deficiente. Apresentado na reunião anual da Sociedade de Neurociências (2000), este resultado foi considerado prova cabal da hipótese da relação entre autismo e deficiência no sistema dos neurônios espelho (2006: 57). Outros pesquisadores também o confirmaram mediante diferentes técnicas de monitoramento de atividade neural. Ou seja, pessoas com autismo sofrem de disfunção do sistema neurônios-espelho (2006: 57-58).

Crianças autistas costumam ter dificuldades de interpretar provérbios e metáforas, e Ramachandran supõe que a competência para fazer *analogias* e metáforas – que atingiu altíssimo grau de complexidade no ser humano – dependa dos neurônios-espelho. Portanto, a aquisição e o desenvolvimento da linguagem humana também poderiam ser explicados por essa via.

O autismo atinge aproximadamente 0,5% das crianças nos Estados Unidos. Muitos portadores têm níveis de inteligência normal, às vezes acima, mas com sérios problemas de socialização. Os principais indícios clínicos da doença são: isolamento social, falta de contato visual, reduzida capacidade de linguagem ou comunicação e ausência de empatia. O teste realizado pelos pesquisadores para confirmar a deficiência de neurônios-espelho em crianças autistas foi simples e direto, e as medidas de atividade cerebral foram obtidas mediante encefalograma. Os pesquisadores pediram para a criança abrir e fechar a mão direita em forma de pinça e mediram a atividade de um grupo específico de neurônios. Depois, exibiam um filme em que uma pessoa executava exatamente o mesmo movimento com a mão. Em uma criança normal, os mesmos neurônios espelho seriam ativados, mas não aconteceu a ativação esperada nos autistas. Ou seja, neles “os espelhos estariam quebrados” (2006: 53).

A hipótese geral de Ramachandran é: os neurônios-espelho foram decisivos no desenvolvimento de habilidades sociais elaboradas e da rede complexa de formas de conhecimento que constituem a linguagem humana e a cultura. Ele acredita que esse “grande salto a frente”, ocorrido em um momento-chave da evolução do homem, coincidiu com a complexificação desse sistema neuronal (Ramachandran, 2005). Os neurônios-espelho se tornaram muito mais rápidos e mais numerosos no homem do que em outros animais. Isto propiciou que o aprendizado mediante observação e repetição se tornasse mais eficiente, pois a passagem do conhecimento adquirido de uma geração a outra passou a ser feita diretamente (a herança cultural), sem a necessidade de aguardar o lento processo de seleção natural darwiniana. Para ele, há também a possibilidade de a mudança ter sido uma adaptação genética que deu a esses neurônios a capacidade especular que têm hoje, abrindo rápido caminho no processo de aprendizado e comunicação.

Em linhas gerais, vimos alguns dos aspectos fundamentais sobre os neurônios-espelho. A seguir, veremos outros estudos sobre a interface mente/espelho como subsídio para o que pretendemos apresentar sobre o teorema do Revirão e o Princípio de Catoptria da Nova Psicanálise. Ou seja, sobre a mente entendida como puro espelho.

2. A questão mente/espelho

Henri Wallon (1879-1962), em 1931, denominou “prova do espelho” à experiência mediante a qual a criança, posta diante de um espelho, passa a distinguir progressivamente seu próprio corpo de sua imagem nele refletida. Esta operação dialética se processaria graças a uma compreensão simbólica, por parte da criança, do espaço imaginário no qual ela forjava sua identidade. A prova do espelho especificaria assim a passagem do especular para o imaginário e do imaginário para a simbolização.

Em 1936, Jacques Lacan (1901-1981) retomou a experiência e a terminologia de Wallon e a transformou no “estádio do espelho” – em muitos aspectos diferente da tese original – como entendimento da operação mental mediante a qual o ser humano constitui identificação com seu semelhante e tem acesso à função simbólica, ou seja, à linguagem humana. Na comparação entre o ponto de vista de Wallon e o de Lacan, pode-se perceber que este transformou uma experiência psicológica em uma teoria da organização imaginária do ser humano.

2.1 A prova do espelho de Wallon

É fato bem conhecido que a noção de corpo próprio, na teoria de Wallon, constrói-se por meio de etapas sucessivas e relacionadas ao processo da psicogênese. É indispensável para os progressos da consciência a construção do que a psicologia chama de “subjetividade” e se integra ao desenvolvimento do eu psicológico. A pessoa vai-se construindo ao longo de sua evolução e tem na emoção a origem de seu psiquismo. As emoções estão intimamente relacionadas aos processos orgânicos, isto é, às descargas provenientes das necessidades corporais do bebê humano. É por meio das interações com os outros que as expressões se manifestam, tornam-se intencionais e podem ser reconhecidas pelo ambiente e por ele influenciadas.

Entretanto, para adquirir a noção de corpo próprio é necessária a realização de um processo distintivo entre os elementos atribuídos ao próprio corpo e aqueles mais diretamente ligados à chamada realidade externa. Essas duas atividades precisam estar articuladas simultaneamente à investigação progressiva do mundo exterior. Inicialmente, a delimitação do corpo e da exterioridade é bastante vaga e imprecisa. Como a criança está em uma simbiose afetiva com o meio ambiente, só através da exploração sistemática de seu corpo é que poderá reconhecer gradativamente suas partes para, então, integrá-lo em uma unidade corporal (Wallon, 1995: 205-6).

Mediante o dispositivo “prova do espelho”, Wallon estudou as reações das crianças diante de sua imagem refletida no espelho e os diversos graus de dificuldades porque passam antes de poder integrar, em um único conjunto, sua unidade corporal (1995: 210). Sem efetuar essas redução e diferenciação em relação ao meio, a criança só poderá ter uma visão partida, fragmentada, de seu corpo. Afirma ele que, “para apreender-se como um corpo dentre os corpos, como um ser entre os seres” (1995: 211), o bebê precisa empregar analogias, assimilar o que já sabe, individualizar-se e discernir os diferentes aspectos que possibilitarão uma representação de si mesmo. A consciência corporal é a condição fundamental para o início da consciência de si, o prelúdio da construção da pessoa que contempla necessariamente a diferenciação eu-outro, segundo o pensamento hegeliano vigente na época.

A psicologia de Wallon se constitui a partir de um dualismo em que a noção de desenvolvimento tem papel central. Para ele, o fator biológico está ligado à maturação do sistema nervoso, o que é inseparável do fator social, constituído pelas interações entre o homem e seu meio ambiente (1995: 213). Dando ênfase à dialética de transformações sucessivas, a psicologia é pensada a partir da infância, cuja sucessão descontínua de estágios – e, depois, suas transformações em termos de crises – fornece a chave da passagem do estado infantil ao adulto. Sua psicologia leva em conta a hereditariedade, de um lado, e a cultura, de outro. A ótica é principalmente a de uma psicobiologia, de uma teoria das mentalidades, uma teoria “total” situada no cruzamento das ciências sociais e biológicas (1995: 82-96).

Ele se interessa pelo pensamento freudiano a partir de 1921, embora não aceite a idéia de libido e considere a psicanálise apenas um ramo da filosofia. Em 1931, escreve um texto sobre a prova do espelho e a noção de corpo próprio, cujas idéias básicas Lacan utiliza na construção de seu “estádio do espelho”, proposto inicialmente em 1936. É também desse texto que Lacan retira dois conceitos fundamentais de sua teoria, o imaginário e o simbólico. No XVI Congresso da International Psychoanalytical Association (IPA), em Zurique, em 1949, Lacan retoma essa articulação e apresenta uma comunicação intitulada *O estágio do espelho como formador da função do eu [je] tal como nos é revelada na experiência psicanalítica* (1947), posteriormente publicada em seus *Écrits* (1966).

O espelho já ganhara lugar de destaque no pensamento moderno com contribuições como as de Lewis Carroll, *Alice no país das maravilhas* (1865) (*Alice in the Wonderland*) e principalmente *Alice através do espelho* (1871) (*Alice through the mirror glass*). Nessas narrativas, temos gatos, cachorros, patos, ratos, outros bichos e crianças que atravessam espelhos e depois comentam suas experiências de forma lúdica e precisa. A prova do espelho de Wallon é apresentada como uma aparelhagem de observação científica. Em experiências etológicas, por exemplo, quando um pato é privado de sua fêmea e encerrado em um cômodo revestido de espelhos, ele toma sua própria imagem como sendo a da companheira ausente. Em situação semelhante, um cachorro pode ter uma reação de evitação: responde a afagos, mas recusa seu reflexo e se volta para seu treinador. Já um chimpanzé passa a mão por trás do espelho e um gorila ou um elefante pode se reconhecer no espelho, conforme atestam experiências mais recentes.

Ao fazer uma comparação entre as reações de animais e das crianças, Wallon percebe reações diferentes conforme as idades. Até o fim do terceiro mês, a criança é indiferente à sua imagem no espelho. Mas já no decorrer do quarto mês, produzem-se mudanças. O bebê pode fixar o olhar e observar seu reflexo como algo estranho à sua pessoa. Pode mesmo esboçar um sorriso. Aos seis meses, já pode rir para sua imagem e

para a de sua mãe ou pessoa conhecida refletida no espelho. Pode mesmo mostrar surpresa para a voz vinda de trás, pois não consegue fazer coincidir no tempo e no espaço um reflexo e uma presença real. São ainda realidades independentes. Por volta dos dez meses, a criança estende os braços para a imagem e olha para ela quando é chamada pelo nome. Nesse momento, percebe essa imagem externa a si como um complemento natural. Assim, representa seu corpo próprio através de fragmentos ao fim de um longo processo de exteriorização.

Para proceder à unificação de “si mesma” no espaço, a criança precisa articular duas coisas. Primeiramente é necessário admitir a existência de imagens que têm apenas uma aparência de realidade, ou seja, são reflexos. A seguir, deve afirmar a realidade de uma existência que escapa à percepção. Desse modo, o bebê encontra imagens sensíveis, mas não reais, e de outro, imagens reais, mas subtraídas ao conhecimento sensorial. Ou seja, segundo essa hipótese, para sua organização no tempo e no espaço, a criança tem que subordinar progressivamente os dados da experiência imediata à representação (1995: 209-216).

A prova do espelho lhe serve como um jogo cada vez mais diferenciado de distinções e equivalências, mediante o qual forma-se a noção de corpo próprio que conduz à “unidade do eu”. O problema comporta basicamente dois momentos: perceber a imagem e relacioná-la reflexivamente consigo mesmo. Para Wallon, essa transformação se dá em três passos: 1. No âmbito da especularidade, nenhuma relação é introduzida entre a imagem refletida e a imagem real; 2. O estabelecimento de uma relação que permite a constituição de um eu unificado em um espaço imaginário que escapa ao efeito especular. Este momento é considerado como um prelúdio do que vem a seguir; 3. Ele antecipa uma terceira etapa, agora simbólica, que propiciará à criança meios de organização de sua experiência sensível (Roudinesco, 2006: 42).

Por volta de um ano, o reflexo é vivenciado como um sistema de referências que possibilita direcionar gestos orientados a particularidades do corpo. Nesse estágio, a criança já não se contenta mais, como no décimo mês, em estabelecer uma relação entre imagem refletida e a imagem real. Ela reproduz a experiência do sexto mês em outro registro. Não mais separa radicalmente o reflexo e a pessoa real, e reconhece a existência de uma dualidade entre ambos, mas percebe que uma está subordinada à outra. Tem, assim, acesso a uma compreensão do espaço em que se forjou seu eu.

Aos quinze meses aproximadamente, a prova do espelho assume uma outra feição. Wallon descreve que uma criança nessa idade, solicitada a mostrar sua mãe, primeiramente a designa no espelho e depois se volta para ela sorrindo. Já brinca com sua especularidade. Percebe-se que ela finge atribuir uma preponderância à imagem justamente quando pode

reconhecer com clareza a reflexão da imagem e a ordem simbólica (1995: 214).

Até este momento, o autor não estabelece relação alguma entre seu trabalho e o de Freud. Ele apenas faz uma psicologia que considera tanto os aspectos biológicos quanto os mentais e culturais, e não pode ainda fazer idéia da importância que seu trabalho terá na reelaboração da psicanálise por Lacan alguns anos mais tarde.

2.2 A contribuição de Lorenz

No estudo do comportamento humano e animal, a relação com o espelho começa com Wallon e se desenvolve nas pesquisas de Konrad Lorenz (1903-1989), fundador da moderna etologia e prêmio Nobel de Fisiologia em 1973. Etologia é o estudo do comportamento animal. A observação dos hábitos dos animais e a comparação de sua agressividade com o comportamento humano foi uma grande preocupação do cientista e um tema oportuno dos pensadores no período entre guerras.

Lorenz sugeriu que as espécies animais estão geneticamente construídas para aprender tipos específicos de informação que são importantes para a sobrevivência da espécie. Descreveu o aprendizado de patos e gansos recém-nascidos. Os filhotes, logo que nasciam, aprendiam a seguir a mãe, ou então, uma falsa mãe. O processo, chamado de *imprinting* ou *estampagem*, compreende sinais visuais e auditivos do objeto “mãe” que são gravados, mesmo que sejam enganosos. Inicialmente, o fenômeno foi chamado de “stamping in”, pois Lorenz entendeu que o objeto sensorial encontrado pela ave é *estampado* ou *carimbado* de forma irreversível em seu sistema nervoso. Isto provoca uma resposta de “acompanhamento” que, depois, afeta o animal adulto por toda vida.

Um critério importante para o *imprinting* é sua limitação a uma fase circunscrita ontogeneticamente, quando o organismo praticamente “espera” alguns estímulos-chave bem definidos que serão associados a uma parte do estímulo situacional que o acompanha (Lorenz, 1995: 357). Antes ainda dos etólogos, Lorenz atribui a Freud a descoberta desse mecanismo, quando este descreveu a “fixação de objeto” nos primórdios da psicanálise (Freud [1905]).

Nos seres vivos, existe uma gama de misturas de comportamentos inatos e adquiridos. Muitos padrões comportamentais aprendidos dependem de mecanismos inatos. Por exemplo, um filhote de gato é dotado de mecanismos cerebrais para caçar ratos, mas deve aprender a usá-los com a gata mãe. O mesmo acontece com alguns cantos de pássaros, que precisam ouvir seus colegas adultos, caso contrário seus padrões canoros serão modificados e ficarão irreconhecíveis para outros membros da espécie. Este é um fenômeno presente em vários animais jovens, principalmente aves, como patinhos e pintinhos. Quando saem dos ovos, seguirão o primeiro objeto em movimento que encontrarem no ambiente. Pode

ser a mãe pata ou galinha, mas não necessariamente. Em muitos casos, o estampamento se dá com membros da mesma espécie como uma forma de resguardo contra a hibridização. Mas pode também fixar reações em outros objetos. Nas experiências com filhotes de patos, percebeu-se que o período sensível para a ocorrência do *imprinting* estende-se entre as horas logo após o nascimento até 15 horas após, com um pico destacado entre a décima e a décima-quinta hora. Ocorre então uma ligação social entre o filhote e esse objeto ou organismo. Gansos cinzentos, criados por Lorenz desde filhotes, passaram a segui-lo como se ele fosse sua mãe. E mesmo depois de adultos, continuaram preferindo-o a outros gansos da mesma espécie.

Em outros experimentos, demonstrou-se que patinhos poderiam receber o *imprinting* não somente de seres humanos, mas também de objetos inanimados, como de um balão, por exemplo. Observou-se que existe um intervalo de tempo muito restrito após o nascimento dos filhotinhos para que o estampamento se realize efetivamente. Esse tipo de pesquisa deu provas de que existem períodos críticos na vida quando um tipo definido de estímulo é necessário para que o desenvolvimento normal se processe. Então, como é necessária a exposição repetitiva a um estímulo ambiental – o que provoca uma associação com ele –, podemos dizer que esse mecanismo é um tipo de aprendizagem, embora contenha elementos inatos muito fortes.

Ao longo de sua obra, Lorenz também fez estudo comparativo entre o comportamento humano e o animal, expondo suas teses principalmente nos livros *Sobre a agressão* e *Por trás do espelho: uma pesquisa por uma história natural do conhecimento humano*⁷. No primeiro, ressalta que, nos animais, a agressividade tem um papel positivo para sobrevivência da espécie, como o afastamento de competidores e a manutenção do território. No homem, a agressividade poderia ser orientada para comportamentos socialmente úteis. No segundo livro, *Por trás do espelho*, especula sobre a natureza do pensamento e da inteligência humanas e seu poder de ultrapassar as limitações reveladas por seus estudos. Também argumenta que a tendência à guerra no homem tem uma base inata, mas que pode ser mudada ou controlada.

Seu trabalho sobre as raízes da agressividade alcançou grande repercussão devido à possibilidade de aplicação ao conhecimento da violência urbana e, em maior escala, à prevenção das guerras. Lorenz descobriu que muitos dos mais importantes padrões de comportamento dos animais, aqueles tradicionalmente chamados instintivos, eram inatos e não podiam ser explicados behavioristicamente. Eram comportamentos fixos, que não podiam ser alterados ou eliminados pelo meio ambiente, por mais que se manipulasse experimentalmente esse meio. Tomou como exemplo uma observação de outro etólogo,

⁷ *Das sogenannte Biese* (1963) e *Die Rückseite des Spiegels: Versuch einer Naturgeschichte menschlichen Erkennens* (1973), sem tradução em português.

Wallace Craig, que havia descrito como um pombo macho afastado da fêmea corteja um pombo empalhado, um pedaço de pano e até mesmo o canto vazio da sua gaiola.

Lorenz é também um dos principais críticos da idéia clássica de *instinto* como algo que não necessitava ou era acessível a uma explicação natural (1995: 17). Discordava tanto da psicologia finalista, com sua idéia de instinto, quanto da behaviorista e sua afirmação de que todo comportamento deve ser aprendido. Há padrões que determinam o comportamento dos animais que se originaram filogeneticamente e estão inscritos no genoma. Cita como exemplo o fato de patos das mais variadas espécies exibirem movimentos de corte similares em inúmeras características. Isto indica que a programação para esses movimentos tem que estar inscrita no genoma “de uma maneira exatamente idêntica àquela em que o programa para caracteres morfológicos está codificado nos genes” (1995: 20).

O comportamento do homem é fundamentalmente semelhante ao dos outros animais e está sujeito às mesmas leis causais da natureza. Segundo ele, o critério para determinar se certo padrão de comportamento é inato, é que seja mostrado por todos os indivíduos normais da espécie, de determinada idade e sexo, sem nenhum aprendizado anterior e sem tentativas e erros. É o caso do comportamento agressivo, entre outros.

O ponto crucial de sua visão sobre a natureza humana é: assim como outros animais, o homem tem o impulso inato do comportamento agressivo em relação à sua própria espécie. Esse impulso estaria limitado a poucos danos, como acontece entre animais do mesmo grupo, não fossem dois agravantes: dispor de armas que multiplicam seu poder ofensivo e a falta do respeito ao gesto de submissão feito pelo perdedor (como acontece em outros animais menos agressivos). O homem, por essas razões, é o único animal que mata em grande escala dentro de seu próprio grupo social.

As pesquisas etológicas de Lorenz destacam um dado importante: “Uma cultura é um sistema vivo como qualquer outro” (1995: 438). Então, mesmo sendo o sistema mais complexo do planeta, nem por isso deixa de estar sujeito às leis da natureza que prevalecem no mundo orgânico. Ou seja, há correlação direta, se não mesmo homologia, entre a produção simbólica do ser humano e a natureza que o cerca e o constitui.

2.3 Lacan e o “estádio do espelho”

Do texto de Jacques Lacan sobre o “estádio do espelho”, apresentado no Congresso de Marienbad em 1936, restaram as versões ulteriores de 1949 e 1966⁸. Suas principais

⁸ “1938: Verbete sobre “la famille” na *Encyclopédie française* (Larousse, Paris, 1938, tomo 8, reeditado sob o título *Les Complexes familiaux dans la formation de l'individu*, Navarin, Paris, 1984). 1949: *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je, telle que'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique* 4, 1949, 1966: retomada em *Écrits* (Paris, Seuil, 1966). A que se deve acrescentar os “Propos sur la causalité psychique” (1946), cujas oito últimas páginas retomam, atualizando-os os argumentos do texto de 1938” (Dufour, 1999: 10).

fontes de referência são bem conhecidas: o conceito de *narcisismo* formulado por Freud (1914), o *neodarwinismo* (nos trabalhos do anatomista Bolk sobre a neotenia do homem (1926), nas teses psicológicas de Wallon (1934) e nas pesquisas etológicas de Lorenz), a *psicologia da Gestalt* e o *hegelianismo* como apresentado por Kojève. Entretanto, segundo Dufour (1999), além dessas referências, é preciso levar em conta o quanto o espelho lacaniano deve ao *espelho sofânico* de Jacob Boehme (1575-1624). A inovação de Lacan foi reintroduzir, no século XX, um modelo de pensamento considerado “irracional”, “mágico”, “barroco”, cuja origem remonta ao misticismo teosófico. Essa transposição para um novo ambiente se deu através de Alexandre Koyré (1892-1964) e foi reapropriada por Lacan ao tomar uma forma antiga de pensamento como sendo mais moderna que as formas modernas da racionalidade.

Na teosofia de Boehme, o tema do espelho é uma questão central, pois o “*um* só pode chegar a se exprimir e a se manifestar no *outro* e pelo *outro*”. O *um* se apresenta dividido. De acordo com Koyré, o indeterminado aspira a um limite para revelar-se, e não como forma de limitação. Ou seja, a vontade divina constrói para si mesma um espelho no qual se mira e, assim, o Absoluto (o *Ungrund*) olha a si mesmo e acha a si mesmo⁹. Esse espelho divino contém a totalidade das imagens. O *um* se divide e se desdobra ao mesmo tempo que permanece *um*, e assim devém outro ao mesmo tempo que permanece o mesmo. A ousadia de Lacan foi ter dado a esse Um-dividido um lugar de destaque na formação das bases de nosso psiquismo. Durante muito tempo atribuiu-se esse tema a Hegel, mas hoje sabe-se que o que Lacan encontra em Hegel (via Koyré e Kojève) são basicamente esquemas boehmianos¹⁰. As referências de Hegel a Boehme são explícitas nas *Lições sobre a História da Filosofia* (Dufour, 1999: 46-9).

A partir desse conjunto de referências, Lacan transforma a prova do espelho (Wallon) em uma teoria da organização imaginária do ser humano. Faz a mudança terminológica: de “prova do espelho” para “estádio do espelho”, isto é, a passagem de uma

⁹ “O resultado é uma teoria do “espelho sofânico”: é saindo desse indizível *Ungrund* que Deus se concebe como sujeito. Deus só pode com efeito conhecer-se a si mesmo opondo-se a Si-Mesmo. Deus se exprime assim no homem, criando à sua imagem, e isso num movimento jamais acabado, infinito de revelação a Si-mesmo. O meio desse engendramento onde se passa do Um, indizível e invisível, ao múltiplo visível do mundo não é outro senão o espelho, este olho da Sabedoria divina, que contém as imagens de todos os seres individuais. (...) A vontade divina ‘vê-se pois ela mesma de toda eternidade e nela mesma vê o que é; faz para si mesma um espelho no qual se mira’ e, como não pode nele encontrar outra coisa a não ser si mesma, torna-se ela mesma objeto de seu próprio desejo [...]: ‘o desejo não tem objeto e só pode desejar-se a si mesmo [...]’. É assim que o Absoluto (o *Ungrund*) olha em si e se acha a si mesmo” (Dufour, 1999: 37-8).

¹⁰ Em 1988, MD Magno dedica seu Seminário *De Mystério Magno: A Nova Psicanálise* a Jacob Boehme, ocasião em que se refere a vários aspectos do pensamento do “grande sapateiro” (o “philosophus teutonicus”, o primeiro filósofo alemão, segundo Hegel).

experiência laboratorial a uma teoria da psicanálise. Já sabemos que, em Wallon, a prova do espelho especifica a passagem dialeticamente hegeliana do especular ao imaginário e do imaginário ao simbólico. Lacan, por sua vez, retoma a experiência walloniana para completar a teoria do Édipo freudiano, pois esta não permitia situar o modo como o sujeito se projeta em sua imagem especular para assim constituir um imaginário dominado pelo narcisismo.

Lacan já tinha esboçado essa questão em *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, cujas bases foram apresentadas no volume VIII da *Encyclopédie Française*, organizada pelo historiador Lucien Febvre, intitulada *A vida mental*. Lacan retoma aí o aparelho walloniano, reinterpretado à luz do pensamento freudiano que fora reelaborado a partir de uma perspectiva boehmiana (via Koyré) e hegeliana (via Kojève). Segundo essa articulação inicial, os “complexos familiares” estão no centro da formação da mente humana. No primeiro momento, há o *complexo de desmame* (Melanie Klein), que rompe com a relação parasitária com a mãe e deixa sua marca indelével no psiquismo. No segundo, surge o *estádio do espelho* (Wallon/Lacan), que corresponde ao fim do desmame e possibilita ao indivíduo realizar uma unidade especular ou antecipada do eu, na qual o outro ainda não tem lugar. Por fim, surge um terceiro momento em que aparece o outro e se instala a luta pelo reconhecimento. Só então, há o advento do complexo de Édipo como descrito por Freud (Roudinesco, 1988: 161-162).

Em 1949, Lacan apresenta *O estádio do espelho como formador da função do eu [je] tal como ela nos é revelada na experiência psicanalítica* (1998), em que funde a noção freudiana de *Ich* (eu) e cria a oposição do *eu imaginário* (alienado na figura do outro) a um *sujeito do inconsciente* reorganizado pela ordem simbólica. Mantém a idéia de *desejo do Outro* de origem hegeliana, que permite apontar as modalidades dialéticas de identificação do sujeito (Lacan) com o Outro, em termos não psicanalíticos de alienação, reconhecimento e desconhecimento. Ele deseja o desejo do Outro, de forma que o desejo do homem pode ser definido como o desejo do Outro mediado pela linguagem, isto é, pela função simbólica. Nessa operação, Lacan põe o inconsciente freudiano no lugar da consciência, seja ela cartesiana ou hegeliana. Mais tarde, entre 1953 e 1957, Lacan introduz em seu quadro teórico a noção de *demanda* (que se entende sempre como demanda de amor). As necessidades biológicas podem ser satisfeitas com objetos naturais (alimentação e outras), mas o desejo nasce da distância irreduzível entre necessidade e demanda. Ele não se refere a um objeto, mas a uma *fantasia*, a um “outro imaginário”. Trata-se de desejo do desejo do Outro enquanto busca ser absolutamente reconhecido por ele ao preço de uma luta de morte.

Apoiado em pesquisas de psicólogos e etólogos, Lacan situa a fase do estádio do espelho entre os seis e os dezoito meses de idade. O acontecimento básico aí destacado

é o fato de que um bebê (*infans*), diante do espelho, ainda sem postura ereta e controle motor, apoiado em algum suporte artificial, “supera, numa azáfama jubilatória, os entraves desse apoio, para sustentar sua postura numa posição mais ou menos inclinada e resgatar, para fixá-lo, um aspecto instantâneo da imagem” (Lacan, 1998: 97). É nesse momento que, para ele, o “sujeito” antecipa, como numa miragem, a maturação, que só lhe é dada como *Gestalt*, e que surge como *imago do corpo próprio* (1998: 98).

É nesse passo de sua articulação que Lacan faz uso das experiências etológicas descritas por Harrison, Chauvin e desenvolvidas por Lorenz (1998: 190-92). Ou seja, os efeitos que uma Gestalt pode ter sobre o organismo, como é o caso clássico da maturação da gônada na pomba que tem como condição necessária a visão de um semelhante, não importa de que sexo seja. Efeito este que pode ser obtido pela simples reflexão de um espelho. Então, a função do estádio do espelho se revela como um caso particular da função da imago, isto é, “estabelecer uma relação do organismo com sua realidade, ou seja, como se costuma dizer, do Innenwelt com o Umwelt”¹¹ (1998: 100). Mas, nesse caso, o mais importante é o fato de isto se dar no seio de uma “discórdia primordial”, em virtude da prematuração específica do nascimento no homem¹² (1998: 100). Por isso, o estádio do espelho é um drama que acontece na *passagem de uma insuficiência para uma antecipação*, que vai tanto fabricar para o “sujeito” suas fantasias com imagens do corpo despedaçado (que aparece sob a forma de membros disjuntos e órgãos representados em exoscopia), quanto promover a formação de uma imagem de totalidade, que Lacan chama de “ortopédica” (1998: 100). Nesses termos, ele aponta os elementos básicos que constituem a emergência do simbólico para o ser humano. Esta é sua contribuição para o entendimento de uma idéia fundamental da antropologia estrutural, a da passagem de um estado natural para o cultural ou simbólico.

Em suma, Lacan parte da experiência walloniana de prova do espelho e faz dela um conceito que lhe permite revisar a teoria freudiana do complexo de Édipo. Afasta-se da perspectiva psicológica referida a uma experiência natural para pensar o estádio do espelho como uma operação psíquica mediante a qual o homem se constitui em uma identificação com seu semelhante. Para que essa prova se torne um estágio no sentido não-biológico do termo, ele a repensa com termos da filosofia cartesiana e hegeliana. Ao retomar a categoria de desejo em Hegel, dá um novo sentido ao desejo em Freud. Mais tarde, como vimos, cinde seu sistema e nele introduz o conceito de demanda. Então, todo seu modelo será pensado a partir da lingüística (Saussure) e da antropologia estrutural (Lévi-Strauss), o

¹¹ Em alemão, *Innenwelt* se refere ao “mundo interior”. No uso que Lacan faz, contrasta com *Umwelt* (“ambiente”, “meio ambiente”) para sugerir a experiência mental de “interioridade” que acompanha o “eu” que se forma no “estádio do espelho”.

¹² Lacan retirou essa idéia do anatomista holandês Louis Bolk (1866-1930).

que lhe permitirá retomar as categorias de especular, imaginário e simbólico, de Wallon, para lhes dar um sentido mais amplo, em consonância com as teses freudianas.

3. O espelho da Nova Psicanálise

Segundo MD Magno¹³, uma das coisas que mais intrigou o pensamento humano em todos os tempos, seja ocidental ou oriental, é o fato de ao que quer que seja colocado para nossa mente, o contrário também ser pensável ou exigível. Pensadores de diversas áreas sofreram com essa qualidade básica do psiquismo, o qual, por outro lado, está configurado mediante aparelhos de recalque, limitações e travamentos. Mesmo que tenhamos uma aparência mais ou menos constante, o que se passa em nossas mentes é um vale-tudo radical, pois ao que quer que se diga, com um pouco de esforço, é possível virar pelo avesso (Magno [1999]: 29).

A essa competência da mente e suas possibilidades, a Nova Psicanálise¹⁴ chama de Revirão¹⁵, que é fundamentado no Princípio de Catoptria (do gr. *katóptron* = *espelho*), princípio de base psicanalítica que afirma que o que quer que haja suscita seu avesso ou enantiomorfo. Esta competência é dada e está disponível a qualquer um que dela faça uso. Destaca-se também uma “vontade de simetria” como princípio primeiro e organizador do que quer que haja em qualquer tempo e lugar. Se a simetria se produz ou não, não é a questão principal, pois isso depende das condições de resistência das formações em jogo, porque o que se destaca é a simetria como possibilidade constante e sempre em busca de sua efetivação (Magno, [1990]: v.1, 105). O funcionamento do Princípio de Catoptria é conjecturado para o que quer que haja, para o *Haver*, donde sua aplicação aberta e genérica: o que quer que haja, em qualquer ordem de havência, tem a propriedade de ser uma forma simetrizável ou reversível em seu avesso, contrário ou oposto.

Pode-se, então, falar de *enantiomorfismo* como característica definidora do Princípio de Catoptria: a possibilidade de operação da reversibilidade. Assim, dia / enanti-dia; noite / enanti-noite; matéria / enanti-matéria; partícula / enanti-partícula; logos / enanti-

¹³ Criador da Nova Psicanálise ou NovaMente, em 1986, na linhagem Freud-Lacan. É uma reformatação da psicanálise a partir do conceito de Pulsão (considerado conceito fundamental) e suas conseqüências. Esse modelo tem se mostrado compatível com as complexas questões contemporâneas em múltiplos campos do conhecimento. Coaduna-se com teorias científicas atuais e freqüentemente demonstrou antecipá-las em pontos cruciais. Os Seminários e Falatórios de MD Magno estão sendo publicados desde 1977. Para maiores informações: www.novamente.org.br.

¹⁴ Ao final do texto, *Pequeno Glossário da Nova Psicanálise*, com definições dos conceitos aqui empregados.

¹⁵ O termo *Revirão* foi cunhado a partir da criação de James Joyce, em *Finnegans Wake*, *riverrun* e da tradução que dele fizera Glauber Rocha no título de seu romance *Riverão Sussuarana*. Além do próprio verbo da língua portuguesa “revir”, que, segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, vem do latim “revenir” e significa “vir de novo”, “voltar”, “regressar”.

logos; corpo / enanti-corpo; eu / enanti-eu; dentro / enanti-dentro; fora / enanti-fora; outro / enanti-outro. Nas palavras do autor, é catoptria radical, pois ao que quer que se coloque, tem-se o avesso “em todos os sentidos e com várias possibilidades de avessamento interno a esse processo: enantiomorfia total” (1990: v.1, 106-107).

O que qualifica esse princípio é a *catoptria*, o *puro espelho* como modelo de operação lógica de avessamento que estrutura os movimentos da mente e do Haver, questão nuclear na obra de Magno desde seus artigos *O hífen na barra* (1972), *Gerúndio* (1973) e de seu primeiro Seminário *Senso contra senso: Da obra de arte* (1976). Além de recorrer à tradição lacaniana de tomar o espelho como modelo estrutural do sujeito, ele se utiliza sistematicamente de outros autores para extrair um entendimento das propriedades reflexivas do espelho, no sentido de sua lógica e competência de reflexão. Sobretudo, das obras de Marcel Duchamp (*Le Grand Verre* e *Etant Donnés*), Fernando Pessoa, Lewis Carroll, Guimarães Rosa (*Grande Sertão: Veredas* e *Primeiras Estórias*) e Velázquez, (o quadro *As Meninas*). Esses autores são referências constantes em sua produção.

Em *A reflexão* ([1983]: 20-28), Magno retoma o estádio do espelho lacaniano na suposição de que, mais cedo ou mais tarde, cientistas acabariam por descobrir em laboratório a distinção entre o macaco e o humano. Então, afirma o que já dissera em *A música* ([1982]), e que se torna tema recorrente em seus Seminários: *a base cerebral ou neuronal desse espelho, reconhecido na mente humana desde Freud*. Ainda articulando a partir do pensamento lacaniano, temos “que aí, no lugar da antiga falta, é o espelho mesmo que se encontra, que se inscreve como borda, como única margem, de referência, lá instalada pelo furo com que o significante repete, agora como fronteira – melhor, como litoral, como linha demarcatória –, a mesma antiga falta” ([1983]: 23). Temos também a referência à possibilidade de um “espelho interno” que se funda nesse processo, a ser representado como “espelho intra-orgânico” a partir de hipóteses da época sobre o córtex cerebral lembradas por Lacan.

3.1 *A mente artificialista*

Torna-se senso comum em nosso tempo o reconhecimento de que o homem é um ser *artificialista* e *tecnológico*. Um “deus de prótese”, como diz Freud ([1930]: 111)¹⁶.

¹⁶ “O homem, por assim dizer, tornou-se uma espécie de “Deus de prótese”. Quando faz uso de todos os seus órgãos auxiliares, ele é verdadeiramente magnífico; esses órgãos, porém, não cresceram nele e, às vezes, ainda lhe causam muitas dificuldades. Não obstante, ele tem o direito de se consolar pensando que esse desenvolvimento não chegará ao fim exatamente no ano de 1930 A.D. As épocas futuras trarão com elas novos e provavelmente inimagináveis grandes avanços nesse campo da civilização e aumentarão ainda mais a semelhança do homem com Deus. No interesse de nossa investigação, contudo, não esqueceremos que atualmente o homem não se sente feliz em seu papel de semelhante a Deus” (Freud [1930]: 111).

Cria o mundo mediante artifícios e artefatos, através de operações de transformação ou metamorfose de tudo que o cerca. Ele tem *competência e desempenho* (Chomsky) mental para tanto. As marcas que deixa no planeta Terra, desde o controle do fogo à mais complexa nave espacial, dão prova dessa vocação tecnológica. Nesse sentido, todas as formas de arte e de técnica atestam os mais variados interesses que ultrapassam a utilidade imediata de qualquer aparelho ou engenho e se constituem como *extensões de sua mente e de seu corpo* (McLuhan, 2005). Também pode-se verificar cada vez mais que não há barreira radical ou heterogeneidade entre o que constrói artificialmente e o mundo natural e físico em que vive.

Se a mente está aparelhada para operar essas transformações, é provável que haja compatibilidade entre o sistema que nos constitui e aquele que podemos transformar mediante novos artifícios. Todas as limitações e recalques com que nos deparamos diariamente – naturais ou culturais – são efeitos de parcialização ou fronteiras que, de algum modo, produzem a separação das coisas entre si, gerando a relação “dentro / fora”, “eu / outro”, etc. Por outro lado, os artifícios que fabricamos são possibilidades de dissolução de tais fronteiras, mas posteriormente também eles se tornam novas formas de prisão e limitação. Não há a prótese definitiva que possa resolver tudo de uma vez por todas.

A Nova Psicanálise apresenta uma hipótese para esta habilidade de artificialização de nossa mente. Toda produção artística e tecnológica feita pelo homem resulta de uma função de simetrização, a *função catóptrica* da mente. Ela é concebida como máquina que espelha ou revira o que quer que se lhe apresente, produzindo o arquivo infinito de artifícios (a cultura) com que a humanidade convive há milhares de anos. Esse modelo destaca a função de *reversão, avessamento* ou *revirão* de que o cérebro é capaz como sendo a função originária que teria tornado possível o surgimento da linguagem, da arte, da técnica, da ordem simbólica (com suas transcrições ou traduções culturais e comportamentais).

Sendo, antes de tudo, uma máquina de avessamento ou Revirão, a mente é a competência de articular as informações recebidas no regime de sua *enantiose*, isto é, no regime de pura e simplesmente poder efetivar a função contrária do que comparece. Por enantiose ou enantiomorfismo devemos entender a operação de avessamento de toda e qualquer formação que nossa mente é capaz de sonhar ou pensar, por ser sua competência fundamental a habilidade de propor uma formação reversa. Assim – questão cara à teoria dos neurônios-espelho – se há imitação de um “outro” é porque a função revirão opera avessando o que comparece como “externo” em “interno”. Faz-se o que o “outro” está fazendo porque há a capacidade de virar pelo avesso a articulação que se apresenta. A máquina de reviramento incorpora tudo que emerge recortadamente como sendo “outro”.

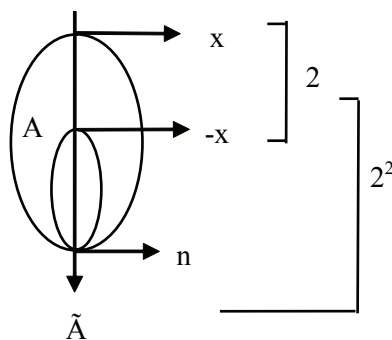
Nesse sentido, a função catóptrica indiferencia as barreiras operacionais que recortam e constroem as noções ligadas ao jogo da alteridade (Magno [2003]: 42-43).

3.2 A mente-espelho

Ao afirmar que *o inconsciente é máquina de Revirão*, de avessamento, Magno também considera que há função catóptrica como repetição de um “princípio alucinatório” constitutivo da mente. Mente esta cuja base é sua competência de *indiferenciação*, de *neutralização* das polaridades ou diferenças que comparecem mediante a função catóptrica (que a tudo põe a possibilidade de avessamento). Os travamentos e emperramentos desta função resultam do que Freud chamou de resistência e recalque, os quais, de inúmeras maneiras, limitam o poder de indiferenciar ou neutralizar qualquer formação que se apresente.

O ponto de partida do pensamento psicanalítico é a idéia de Pulsão, pensada originalmente por Freud ([1920]) como Pulsão de Morte e reformatada por Magno como: *Haver desejo de não-Haver* ($A \rightarrow \tilde{A}$). É a mesma e única Pulsão que ordena qualquer outra (de vida, de destruição, oral, anal, etc.) que tenha sido recortada por Freud ou outros teóricos da psicanálise. Assim, a mente (que Há) é regida por um Princípio de Catoptria que alucina sua extinção (não-Haver) como requisição (desejo) de simetria absoluta, a qual, em última instância, por impossibilidade de concretização desse gozo último, de Morte, impõe à própria máquina catóptrica sua reversão para o *mesmo* lado do espelho. Note-se que, neste ponto, o espelho é tomado como limite absoluto, sem qualquer possibilidade de avesso.

Para efeitos didáticos, apresenta-se o modelo do Revirão mediante a lógica de avessamento da banda de Moebius¹⁷, o que amplia a analogia desse expediente topológico com o inconsciente proposta por Lacan. Vejamos abaixo sua esquematização:



¹⁷ A hipótese do Revirão é apresentada formalmente pela primeira vez em (Magno [1982]). Cf. principalmente as seções: 10. *Introdução à matemática-2 (A Chã Psicanálise ou o ICS da A a Z)*, p. 176-193; e 12. *O halo, o alelo*, p. 208-220. Cf. também a produção subsequente do autor, com destaque para [1999] e [2000/2001].

Temos aí a superfície unilátera da banda de Moebius desenhada segundo o percurso longitudinal sobre ela, nomeado pelos matemáticos como *oito interior*¹⁸. Nele estão inscritas as diferenças $x / -x$, que podem ser indiferenciadas ou neutralizadas no ponto terceiro n , onde estes pontos positivo (x) e negativo ($-x$) se equivalem. O que interessa à psicanálise, além do terceiro ponto – lugar de *indiferenciação* –, é sobretudo a vontade de simetria (entre A e \tilde{A}), que está na base do conceito de Pulsão. Trata-se da função lógica do espelho: para além dos avessamentos que opera (pois a mente é pura função de catoptria), há a função alucinatória de uma *vontade de simetria absoluta*, que jamais comparece na experiência, pois é uma simetria absolutamente impossível. É essa “polaridade” de último grau – que está no esquema como sendo a “segunda potência do binário” (2^2) – que a fórmula *Haver desejo de não-Haver* descreve.

Esse é o trauma, senão mesmo a condenação, apontado por Freud, que comparece para a mente propondo a simetria absoluta e a impossibilidade de atingi-la. É, portanto, uma experiência de *Quebra de Simetria* que se coloca como início de tudo que há. E a dissimetria que se produz em função dessa impossibilidade ressoa no Haver como as clausuras e fronteiras das situações com que nos defrontamos cotidianamente das mais variadas formas e maneiras. Mas é também sobre ela que se operam todas as formas de artifício e técnica que nos caracterizam.

Dessa maneira, ao tomar o conceito de Pulsão como fundamental e de formular o Princípio de Catoptria e o Revirão, Magno refaz o projeto freudiano por inteiro, colocando-o em consonância com as transformações que vêm ocorrendo desde o final dos anos 1980.

3.3 O “estalo do espelho” no “estádio do espelho”

A seguir, acompanharemos a crítica de Magno à proposição lacaniana do estádio do espelho, anteriormente apresentada. Vimos como esta proposição foi fundamental para a formulação do “sujeito do inconsciente”, que predominou no primeiro e no segundo classicismo lacanianos (Milner, 1996).

Além das influências de Wallon, a obra de Lacan também é contemporânea das pesquisas de Lorenz e outros, que transformaram a “obscura disciplina” da etologia em um

¹⁸ Da banda de Moebius (ou *contrabanda*, como chama Lacan) a topologia também extrai a lógica do *oito interior* (ou oito dobrado ou invertido). É o percurso longitudinal sobre a superfície unilátera da banda a partir de um ponto qualquer, resultando uma dobradura (o anel superior do oito é *dobrado* no interior do anel inferior). Os dois anéis se superpõem e, no ponto em que lhes é comum, inscreve-se o *ponto catóptrico*, especular (também chamado, por Magno, de *Real do Revirão* ou *ponto bifido*), que inverte absolutamente tudo que passa por ele como se fosse um *furo* de passagem entre um anel e outro. Notamos, também, que, com o percurso em oito interior, atravessa-se duas vezes o mesmo ponto e decompõe-se a superfície em duas partes distintas. As partes pertencem à mesma formação e constituem uma única peça que se organiza a partir do ponto neutro e suas polarizações.

dos ramos mais importantes da biologia evolutiva (Vieira, 1983: 28) e foram decisivos na formulação da gênese da mente a partir de informações orgânicas e etológicas. Lacan pretendia justamente dar um modelo explicativo da função do “eu” [je] que superasse a problematização etológica da imagem do corpo na constituição que o organismo tinha com o meio ambiente. Ou seja, que superasse o que Lorenz destacou como o reconhecimento dos modelos de vinculação etogramatical, para além da noção clássica de instinto.

Para os seres humanos, a problemática essencial da integração das funções motoras se dá mediante a unificação da imagem do corpo próprio (como vimos em Wallon), num processo de identificação que é dado prematuramente na experiência do reconhecimento da imagem no espelho. A criança, na “assunção jubilatória de sua imagem especular”, em “azáfama jubilatória” (Lacan, 1998: 97), organiza ludicamente sua forma corporal como em uma *Gestalt*, com a imagem especular do corpo próprio ajudando na formação da *imago*¹⁹ da criança. O “estádio do espelho” seria o momento lógico da instalação da ordem simbólica do sujeito, antes ainda que a palavra e o discurso o situassem no universo simbólico dos falantes. O processo identificatório iniciado pela experiência do espelho, mediante a qual o sujeito se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo, está conectado às identificações infinitas que se constroem em seu acesso ao processo simbólico (Roudinesco, 1988: 71).

Para a Nova Psicanálise, o modelo é inteiramente diferente. Toda função de “alteridade” que comparece é entendida ou produzida pelo desejo ou pela competência de simetria que está dada no Princípio de Catoptria. Dessa maneira, a lógica do inconsciente não depende desse jogo de imagem no espelho a partir do qual alguém articula seu processo reflexivo. Mas, sim, do *fato* de que *há função catóptrica*, isto é, de que a competência de reviramento está dada, de que há o reconhecimento do espelho enquanto tal. E justo porque a máquina é catóptrica, enantiomórfica, a tão comentada “imagem do corpo próprio” é construída. A “azáfama jubilatória” da criança no estádio do espelho é o reconhecimento de sua própria competência de reflexão. Acompanhemos esta articulação nos termos do próprio autor:

(...) o grande momento, mais do que o assentamento sobre imagem especular coagulante do famigerado corpo despedaçado, que me parece da ordem perceptiva, o que talvez seja motivo de júbilo para a espécie é o fato de haver reconhecimento do processo reflexivo no nível geométrico, digamos assim, catóptrico, enquanto reconhecimento desse fenômeno como homológico ao que nela está inscrito, por razões de espécie, como ca-

¹⁹ “Basta compreender o estádio do espelho *como uma identificação*, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*” (Lacan, 1998: 97).

toptria interna. Ou seja, sem a menor consciência, porque isto não é necessário, o grande júbilo do Estádio do Espelho é esse *estalo* de sacar, para além da coagulação do corpo despedaçado, para além do assentamento daquela imagem do lado de cá, que aí está vazio, o fato da coincidência, da tiquê, do encontro da catoptria reconhecida visualmente no espelho com a catoptria interna da espécie. Ou seja, de que *eu* sou tão reflexivo quanto o espelho o é, coisa que certamente não comparece em outras espécies, por mais evoluídas que sejam (Magno [1988]: 31).

Mais adiante, afirma: “(...) *É esse espelho interior que a fisiologia e a anatomia procuram*” (grifos nossos). Podemos, portanto, afirmar que a descoberta dos neurônios-espelho parece confirmar esta afirmação. Magno aponta que só há “júbilo” para a criança na medida em que há encontro da catoptria percebida no espelho com a catoptria dada na própria mente em constituição. Encontro este que só é possível porque essa competência está disponível do lado de cá, ou seja, na mente. O núcleo destacado no estádio do espelho é o *encontro de um espelho com outro* e o “júbilo” de que tanto se falou é índice de reconhecimento da máquina catóptrica disponível mentalmente ([1988]: 32).

Certamente que essa capacidade especular do espelho plano é muito inferior à catoptria cerebral, pois o Princípio de Catoptria põe um *espelho absoluto*, capaz de qualquer tipo de avessamento ou reversão. A única reversão impossível é a da simetria absoluta que, como vimos, é impossível e coincidiria com a extinção absoluta que não há.

3.4 A instalação do Revirão no cérebro (1982)

O modelo da mente como espelho não só parece estar em sintonia com as mais recentes descobertas da função dos neurônios-espelho pelas neurociências, como também as antecipou em quase duas décadas. A hipótese do Revirão – e sua função catóptrica – é de 1982 e, desde 1983, Magno afirma que caberia às ciências biológicas (fisiologia, anatomia) – ou, hoje, às neurociências – procurar e determinar sua funcionalidade no cérebro humano.

A partir dos experimentos acima descritos, Ramachandran fez a suposição de que os neurônios-espelho são parte de uma rede que permite ver o mundo “desde o ponto de vista de outras pessoas”, o que dissolve as fronteiras entre eu/outro. A capacidade de *empatia*, a possibilidade de ler a mente ou as intenções dos outros, de antecipar atos e comportamentos, foram cruciais no desenvolvimento de habilidades sociais elaboradas, de redes complexas de conhecimento que vieram a constituir a cultura. Assim, a comunicação e o aprendizado puderam espalhar-se amplamente criando a dinâmica simbólica em que vivemos.

A idéia de *Pessoa*, proposta por Magno em [2004], que resulta da concepção da mente como espelho (e se contrapõe radicalmente à noção de sujeito da filosofia), pode

nos dar uma noção da compatibilidade da tese psicanalítica com as pesquisas das neurociências. No aparelho teórico que estamos descrevendo, a Pessoa é concebida como uma rede de formações “naturais” e “culturais”, com vários níveis e em interações recíprocas, que se organiza em *pólos* que, por sua vez, se apresentam de modo *focal e franja*²⁰. É uma formação complexa, com *n* componentes que se organizam em dada configuração, que também pode estar gravitando em torno de outras formações e assim sucessivamente. E, como todo pólo, é um conjunto de resistência a outras formações já constituídas e também organizadas polarmente.

O que caracteriza a Pessoa em sua *singularidade* é poder, ainda que aprisionada em um grande conjunto de formações que a determinam e constituem, ser eventualmente afetada por uma *hiperdeterminação*. Ou seja, poder ser afetada pelo determinante último e radical capaz de produzir eventos que suspendem as outras formas de determinação em vigor e possibilitam o surgimento de formações originais e novas configurações causais no sistema. A HiperDeterminação, como escreve Magno, é a possibilidade de ocorrência de neutralização no conjunto das forças que existem em dada situação. Então, mesmo que determinada e oprimida pelo conjunto de formações que a constituem, há para a Pessoa a possibilidade de *exasperação*, de *atrito* em um ponto limite que *revira tudo pelo avesso* (Princípio de Catoptria / Revirão) e repõe o jogo novamente, porque não há saída para “fora” desse sistema. É o vigor máximo da função catóptrica. Dessa forma, é possível acontecer um ato de *criação* para o vivido nessa experiência e a emergência de uma nova prótese, de uma tecnologia, que facilite o manejo da realidade.

O único caso conhecido de Pessoa até o momento, com *mente revirante*, somos nós mesmos, mas talvez haja outras formações também complexas que sejam afetadas pelo movimento hiperdeterminante e pelo reviramento – “extraterrestres” (ETs), ou futuramente “máquinas espirituais” (Kurzweil, 1999) –, com mente homóloga quanto à competência e performance.

Ray Kurzweil (1948-) chama de *singularidade* (2005: 9) o momento de culminância da união entre nossa existência e os pensamento biológicos com a tecnologia, o 20 “...ao considerar as formações, é preciso fazê-lo no sentido abrangente, pois isso é infinitamente grande para todos os lados e não sei quais são suas conexões. Lembram do que eu dizia do foco e da franja, e de que, até para se produzir um conhecimento, uma quantidade de coisas fica fora? Não só o campo é infinito de formações, pois não há como fazer a leitura dele todo, como cada uma das formações tem que ser pensada como formação de formações, não se sabe onde isso termina. A história da física, por exemplo, antigamente parava na idéia de átomo, mas foi crescendo: o átomo tomou outra característica e hoje temos a suposição, incomprovada ainda, de que há umas três ou quatro cordas mínimas como última formação das formações. Será? A infinitude, tanto na abrangência do campo como dentro de cada formação, é fractal. É o conceito de Mandelbrot, de que já falei aqui há anos: a coisa vai se expandindo para dentro e para fora. Pode-se até, com frequência, ter uma forma mínima que percebemos organizar todo o campo, mas aquilo é infinito no extensivo e no intensivo” (Magno, [2000/2001]: 481).

que resultará em um mundo ainda humano, mas que transcende nossas raízes biológicas. Na pós-singularidade, não haverá distinção entre humano e máquina ou entre realidade física e virtual. Se podemos supor que algo de humano ainda vai restar neste mundo é o fato de pertencermos à espécie que busca ampliar seu limite físico e mental para além do meio que a cerca. A hipótese de Kurzweil é compatível com a de Pessoa que a psicanálise atual está propondo para pensar nosso tipo de mente. Ocasionalmente, somos capazes de atos radicais de criação em qualquer campo do conhecimento, criação esta que resulta da mente revirante e especular que portamos.

4. Considerações finais

No desenvolvimento deste trabalho, vimos os seguintes passos e articulações:

- A importância da descoberta dos neurônios-espelho pelas neurociências e seu papel no desenvolvimento da linguagem humana e da cultura;
- O surgimento de outras áreas de pesquisa a partir dessa descoberta, principalmente as relacionadas ao autismo e suas possíveis causas;
- Os antecedentes da questão mente/espelho: as influências do pensamento de Boehme e Hegel, as pesquisas de Wallon (a “prova do espelho”), bem como as teses da etologia, em particular as de Lorenz;
- O “estádio do espelho” de Lacan, inspirado no trabalho de Wallon, Harrison, Chauvin e de Lorenz, como base para a formação do “sujeito do inconsciente”;
- O Revirão de Magno, com as hipóteses do Princípio de Catoptria e da Quebra de Simetria como modelo suficiente para a descrição do funcionamento da mente;
- A antecipação conceitual da função catóptrica e suas conseqüências em relação às descobertas dos neurônios-espelho;
- O “estalo do espelho” como crítica de Magno ao “estádio do espelho” lacaniano;
- Os neurônios-espelho como prova da instalação primária do Revirão no cérebro.

Destacamos, ao longo do texto, que a descoberta dos neurônios-espelho pode demonstrar que não só imitamos os outros como também, se estivermos vendo ou ouvindo ações de outros, o cérebro funciona como se nós mesmos estivéssemos fazendo aquelas ações. Além disso, vimos, segundo essa hipótese, que a linguagem humana também surge do processo sintático gerado por essa rede neuronal.

Por sua vez, Magno enfatiza que – enquanto para Lacan o “estádio do espelho” funda para a criança a função do “eu” – o que se explicita no estágio do espelho é o “estalo do espelho”, ou seja, a expressão de sua *função catóptrica*, que não é o mesmo que “função especular”. Esta última sendo o reconhecimento de *imagem* ou de *imitação*, que Lacan incluiu em seu conceito de Imaginário. A função catóptrica é a *reversão lógica contida*

no *Revirão* e não a simples projeção da imagem como *duplo*. Trata-se da competência de avessamento radical de qualquer formação que se apresente, pois para a mente humana (e mesmo para todo o Haver) há um princípio segundo o qual seu funcionamento é regido por polaridades opostas, como se no meio houvesse um *espelho* (= Princípio de Catoptria), capaz de *enantiomorfismo* total. Isto é, a possibilidade de pensar ou sonhar o avesso radical de qualquer afirmação ou identidade. É a *função catóptrica* (com a lógica do *Revirão*) que produz a linguagem humana com toda a sua complexidade.

É com estas hipóteses e suas conseqüências que faz a crítica ([1988]) à noção lacaniana de estágio do espelho (1936), inspirada nas idéias de Wallon e Lorenz, para afirmar que a competência de reviramento está dada primariamente em nosso cérebro. Caberia às pesquisas científicas fazer sua demonstração competente.

Assim sendo, finalizamos com as seguintes observações:

1. Percebe-se que há uma conexão mais direta entre “prova do espelho” (Wallon), “estádio do espelho” (Lacan) e “estalo do espelho” (Magno). Lacan se apropriou da experiência walloniana para transformá-la em uma teoria da organização imaginária do ser humano e base para o surgimento do simbólico, visando completar a teoria do Édipo freudiano. Magno, por sua vez, destaca que o que está aí em jogo é a ressonância do Princípio de Catoptria, pois o “júbilo” do estágio do espelho é o estalo de perceber, para além de qualquer outra coisa, “o encontro da catoptria reconhecida visualmente no espelho com a catoptria interna da espécie”. Ou seja, de que a mente é tão reflexiva quanto o espelho, e que isso não comparece em outras espécies, por mais evoluídas que elas sejam.
2. A descoberta dos neurônios-espelho trouxe, por via biológica, a questão da reflexão novamente, atribuindo a eles – seja mediante suposições ou provas efetivas – as operações de imitação, analogia, identificação com o “outro” e de produção da linguagem e da cultura humanas. Mesmo as pesquisas sobre o autismo seguem indicações parecidas. Ora, embora Magno afirme que essas pesquisas estão demonstrando sua hipótese da *instalação do Revirão no cérebro como uma funcionalidade e não como um órgão específico*, convém lembrar que sua teoria sobre a mente é um modelo genérico, acabado, amplo e com conseqüências nos mais diversos campos do conhecimento. É nesse âmbito que afirma que a competência de avessamento, de enantiomorfismo, possibilita o surgimento das línguas e da cultura. O mais importante é que, mediante essa mesma competência, há criação e invenção de outros mundos, fazendo emergir, por exemplo, a revolução tecnológica em que vivemos, seja para melhor ou para pior. Isto também não ocorre a outras espécies conhecidas.
3. Embora o termo lingüístico “espelho” seja o mesmo nas várias pesquisas, não se designa com ele o mesmo na Nova Psicanálise e nas neurociências. Enquanto que para

os pesquisadores em neurociências, assim como para Wallon e Lacan, a ênfase recai respectivamente sobre a *reflexão*, o *espelhamento*, a *imago* e a *alteridade especular*, para a Nova Psicanálise trata-se de um *espelho absoluto*, *pura superfície de reflexão*, capaz de *avessamento radical* de qualquer ordem, até aquelas ainda não pensados pelas ciências ou pela filosofia. O único avessamento impossível absolutamente é o da própria imanência do espelho enquanto tal (Princípio de Catoptria) em um sumiço ou desaparecimento definitivos, pois isto é radicalmente impossível (Quebra de Simetria). O *espelho da mente* há de maneira inarredável, embora seu desejo seja sempre de extinção: *Haver desejo de não-Haver* (a Pulsão freudiana *informada* e *enformada* nesses princípios). Todas as outras observações sobre o espelho são consideradas a partir daí.

4. Com os resultados recentes das pesquisas sobre os neurônios-espelho, a aposta de Magno sobre a instalação biológica da funcionalidade do Revirão no cérebro (1982) parece estar confirmada, o que abre possibilidades de estudos e pesquisas na interface da psicanálise e das neurociências.

Há, entretanto, muitas brechas a serem preenchidas, pois o que parece novidade em uma área do conhecimento, já é bem conhecido e desenvolvido em outra. Isto certamente se deve à pouca freqüentação mútua dos diversos campos de conhecimento, ocasionando defasagem e esforços duplicados. As fronteiras entre as formas de conhecimento continuam ainda muito rígidas, assim como os preconceitos e as rivalidades, mas esperamos ter apresentado notícias promissoras para um entendimento mais preciso e compartilhado dos modos de funcionamento da mente humana e de todas as outras formas de mente que também começam a ser pesquisadas e conhecidas.

Referências

- ALTSCHULER E. L., VANKOV A., HUBBARD E. M., ROBERTS E., RAMACHANDRAN V. S., PINEDA J.A.. *Mu wave blocking by observation of movement and its possible use as a tool to study theory of other minds*. In: Soc. Neurosci. 2000, 68.1 (Abstr.)
- ARBIB, Michael A. *From monkey-like action recognition to human language: an evolutionary framework for neurolinguistics*. In: Behavioral and Brain Science. Cambridge University Press, 2004.
- ARMSTRONG AC, STOKOE WC, WILCOX SE. 1995. *Gesture and the nature of language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- BASTOS, Alice Beatriz B. Iziq. *A construção da pessoa em Wallon e a construção do sujeito em Lacan*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BUCCINO G, VOGT S, RITZL A, FINK GR, ZILLES K, FREUND HJ, RIZZOLATTI G 2004. *Neural circuits underlying imitation of hand actions: an event related fMRI study*. Neuron 42:323-34.

CORBALLIS MC. *From Hand to Mouth. The Origins of Language*. Princeton: Princeton Univ. Press. 2002, 257 p.

DAPRETTO M, DAVIES MS, PFEIFER JH. SCOTT AA, SIGMAN M, BOOKHEIMER SY, and IACOBONI M. 2006. *Understanding emotions in others: Mirror neuron dysfunction in children with autism spectrum disorders*. Nature Neuroscience, 9,28-30.

DUFOUR, Dany-Robert. *Lacan e o espelho sofiânico de Boehme*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1999.

EIBL-EIBESFELDT, Irenäus. *Etología: introducción al estudio comparado del comportamiento*. Barcelona: Ediciones Omega, 1974.

FOGASSI L., FERRARI P.F., GESIERICH B., ROZZI S., CHERSI F. and RIZZOLATTI G. 2005. *Parietal Lobe: from Action Organization to Intention Understanding*. Science, 308: 662-7.

_____. GALLESE V, FADIGA L, RIZZOLATTI G. *Neurons responding to the sight of goal directed hand/arm actions in the parietal area PF (7b) of the macaque monkey*. In: Soc. Neurosci. 1998, 24:257.5

_____. et al. *Parietal lobe: from action organization to intention understanding*. In: Science, 2005, vol. 302, p 662-67.

FREUD, Sigmund. [1938] *Esboço de psicanálise*. Edição Standard Brasileira (ESB), vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1974.

_____. [1930] *O mal-estar na civilização*. ESB, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. [1923] *O Ego e o Id*. ESB, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. [1920] *Além do Princípio de Prazer*. ESB, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. [1914] *Sobre o narcisismo: uma introdução*. ESB, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. [1905] *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. ESB, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. [1900] *A interpretação dos sonhos*. ESB, vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. [1895] *Projeto para uma psicologia científica*. ESB, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GALLESE, Vittorio, FADIGA, Luciano, FOGASSI, Leonardo and RIZZOLATTI, Giacomo. *Action recognition in the premotor cortex*. In: Brain, 1996, 119: 593-609.

_____. FOGASSI, L, FADIGA, L, RIZZOLATTI, G. *Action representation and the inferior parietal lobule*. In: Attention & Performance XIX. Common Mechanisms in Perception and Action, ed. WPrinz, B. Hommel, 2002, p. 247-66. Oxford, UK: Oxford Univ. Press.

_____. FADIGA L, FOGASSI L, RIZZOLATTI G. 1996. *Action recognition in the premotor cortex*. Brain 119:593-609.

_____. GOLDMAN A. 1998. *Mirror neurons and the simulation theory of mind-reading*. Trends in Cognitive Sciences, 12:493-501.

- _____. KEYSERS C. and RIZZOLATTI G. 2004. *A unifying view of the basis of social cognition*. Trends in Cognitive Sciences, 8: 396-403.
- _____. *The manifold nature of interpersonal relations: the quest for a common mechanism*. In: The Royal Society, 2003, p. 517-528.
- _____. *Embodied simulation: from neurons to phenomenal experience*. In: *Phenomenology and the cognitive sciences*, 2005, 4: 23-48.
- GARDNER, Martin. *L'univers ambidextre: les miroirs de l'espace-temps*. Paris:Seuil, 1985.
- IACOBONI, Marco. *Mirroring people: The new science of how we connect with others*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2008.
- _____. WOODS R. P., BRASS M., BEKKERING H., MAZZIOTTA J. C., RIZZOLATTI G. *Cortical mechanisms of human imitation*. In: Science, 1999, 286:2526-28.
- _____. MOLNAR-SZAKACS I., GALLESE V., BUCCINO G., MAZZIOTTA J.C., RIZZOLATTI G. 2005. *Grasping the intentions of others with one's own mirror neuron system*. PLoS biology, 3, e79.
- _____. WOODS RP, BRASS M, BEKKERING H, MAZZIOTTA JC, RIZZOLATTI G. 1999. *Cortical mechanisms of human imitation*. Science 286:2526-8.
- JELLEMA T, BAKER CI, ORAM MW, PERRETT DI. 2002. *Cell populations in the banks of the superior temporal sulcus of the macaque monkey and imitation*. In *The imitative mind. Development, evolution and brain bases*, ed., AN Melzoff, W Prinz. Cambridge: Cambridge University Press.
- JÜRGENS, U. 2002. *Neural pathways underlying vocal control*. Neuroscience and Biobehavioral Review, 26, 235-258.
- KOHLER E., KEYSERS C., UMITÀ M. A., FOGASSI L., GALLESE V., RIZZOLATTI G.. *Hearing sounds, understanding actions: action representation in mirror neurons*. In: Science, 2002, 297:846-48.
- KURZWEIL, Ray. *The singularity is near*. New York: Vikings, 2005.
- _____. *The age of spiritual machines*. MIT Press, 1999.
- LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 96-103.
- _____. Fomulações sobre a causalidade psíquica. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 152-194.
- _____. O Seminário, livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- LA TAILLE, Yves de, OLIVEIRA, Marta Kohl de e DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.
- LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- LORENZ, Konrad. *A demolição do homem: crítica à falsa religião do progresso*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

- _____. *Evolução e modificação do comportamento*. Rio de Janeiro: Interciência, 1986.
- _____. *Os fundamentos da Etologia*. São Paulo: Unesp, 1995.
- MAGNO, MD. [2006] *AmaZonas: a psicanálise de A a Z*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2008.
- _____. [2005] *Clavis universalis: da cura em psicanálise ou revisão da clínica*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2007.
- _____. [2004] *Economia fundamental: MetaMorfoses da Pulsão*. Proferido na Univer-CidadeDeDeus [a sair].
- _____. [2003] *Ars gaudendi: a arte do gozo*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2006.
- _____. [2000/2001] *Revirão 2000/2001*. Rio de Janeiro, NovaMente, 2003.
- _____. [1999] *A psicanálise, novamente: um pensamento para o século II da era freudiana: conferência introdutórias à Nova Psicanálise (1999)*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2004.
- _____. [1993] *A natureza do vínculo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994.
- _____. [1992] *Pedagogia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.
- _____. [1990] *Arte & Fato: a Nova Psicanálise: da arte total à clínica geral*. Rio de Janeiro: NovaMente, 2001. 2 volumes.
- _____. [1988] *De mysterio magno: a Nova Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra, 1990.
- _____. [1986/7] *Sexo dos Anjos: a sexualidade humana em psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra, 1988.
- _____. [1983] *Ordem e progresso: por dom e regresso*. 2ed. Rio de Janeiro: Aoutra, 1987.
- _____. [1982] *A música*. Rio de Janeiro: Aoutra, 1986.
- _____. [1981] *Psicanálise & política*. Rio de Janeiro: Aoutra, 1986
- _____. [1976] *Senso contra censo: da obra de arte, etc...* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- MAZZIOTTA J. C., et al. *Grasping the intentions of others with one's own mirror neuron system*. PLoS Biol, 2005, 3(3): e79.
- McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2005.
- MILNER, Jean-Claude. *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- RAMACHANDRAN, Vilayanur e OBERMAN, Linday M. *Espelhos quebrados – Uma teoria sobre o autismo*. In: Scientific American Brasil. São Paulo. Ano 5 – nº 55, dezembro de 2006.
- _____. OBERMAN L.M. 2006 *Broken mirrors: a theory of autism*. Scientific American, 5: 62-9.
- _____. *Mirror neurons and imitation learning as the driving force behind "the great leap forward" in human evolution*, 2005. http://www.edge.org/3rd_culture/ramachandran/ramachandran_pl.html. [Acesso em 27/08/2006].

RIZZOLATTI, Giacomo e SINIGAGLIA, Corrado. *How our minds share actions and emotions*. Oxford University Press, 2006.

_____. ARBIB MA. 1998. *Language within our grasp*. Trends Neurosci. 21:188-94.

_____. FADIGA L, FOGASSI L, GALLESE V. 1996a. *Premotor cortex and the recognition of motor actions*. Cogn. Brain Res. 3:131-41.

_____. FOGASSI L, GALLESE V. 2001. *Neurophysiological mechanisms underlying the understanding and imitation of action*. Nat. Rev. Neurosci. 2:661-70.

_____. CRAIGHERO L. 2004 *The Mirror-Neuron System*. Annual Rev. Neurosci. 27 169-192.

_____. & CRAIGHERO, L. *The Mirror-Neuron System*. In: Annu. Ver. Neurosc. 2004, 27: 169-92.

_____. FOGASSI, Leonardo e GALLESE, Vittorio. *Espelhos na mente*. In: Scientific American Brasil. São Paulo. Ano 5 – nº 55, dezembro de 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth. *História da psicanálise na França. A batalha dos cem anos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.

_____. *A análise e o arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SAARELA MV, HLUSHCHUK Y, WILLIAMS AC, SCHURMANN M, KALSO E, HARI R. 2006. The Compassionate Brain: Humans Detect Intensity of Pain from Another's Face. Cerebral cortex.

SINGER T. 2006 The neuronal basis and ontogeny of empathy and mind reading: review of literature and implications for future research. Neuroscience and biobehavioral reviews. 6: 855-63.

SLUCKIN, W. *Estampagem: o aprendizado inicial*. São Paulo, 1972.

VARELA, Francisco J., THOMPSON, Evan e ROSCH, Eleonor. *A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIEIRA, Antônio Bracinha. *Etologia e ciências humanas*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.

VAUCLAIR, Jacques. *A inteligência dos animais*. Lisboa: Livros do Brasil, 1992.

WALLON, Henri. *As origens do caráter na criança*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

WICKER B., KEYSERS C, PLAILLY J, ROYET JP, GALLESE V, RIZZOLATTI G.. (2003) *Both of us disgusted in my insula: The common neural basis of seeing and feeling disgust*. Neuron 40, 655-664.

Pequeno Glossário da Nova Psicanálise

(Organizado por Paula de Oliveira Carvalho e Nívia Bittencourt)

ALEI – “Haver desejo de não-Haver” ou “Haver quer não-Haver” ou “Haver tesão de não-Haver” e estenografa-se A→Ã. É a máquina fundamental da clínica, que Freud chamou de Pulsão (de Morte), indicando o desejo de alcançar o Gozo Absoluto: extinguir-se, sumir radicalmente, seja no nível micro (homem), seja no macro (Haver).

Arte – Tomando o radical ART no sentido etimológico de processo puro e simples de articulação, a Arte se generaliza para toda e qualquer operação de criação, de invenção, que resulte na produção do novo, para além das formações já dadas.

Artifício – Tudo que há é artifício. Tudo se construiu por algum artifício, por uma articulação. Apresenta-se em dois níveis: Artifício Espontâneo e Artifício Industrial. Ver Artifício Espontâneo e Artifício Industrial.

Artifício Espontâneo – Designa o modo de construção, mais resistente, das formações já dadas, presentes no Haver desde sempre. Inclui o que se chama de Natureza. Ver Artifício e Artifício Industrial.

Artifício Industrial – Designa o modo de construção, mais maleável, das formações produzidas pelas Idioformações – que podem forçar a reversão do espontâneo, do já dado. Ver Artifício e Artifício Espontâneo.

Ato Poético – Ato criativo, em que há a intervenção da Hiperdeterminação. Ver Criação.

Binário – Referido à lógica da dualidade entre formações de pólos opostos. Há dois binários: (a) o binário simples ou “interno” (entre formações modais do Haver que se opõem); e (b) o binário ao quadrado ou “externo”, elevado à segunda potência, (2^2), quando a massa homogênea do que há se opõe ao não-Haver desejado.

Bipolaridade – Dualismo presente em toda e qualquer afetação psíquica, fazendo parte do Pathos humano. A bipolaridade funciona em qualquer situação e não apenas nas ditas nosologias. Ver Patologia.

Catoptria (Princípio de) – Do grego kátoptron: ‘luz’, ‘espelho’, ‘refletor’. Princípio de funcionamento dos espelhos produtores de reflexão, no sentido de absoluta reversão, enantiose ou Revirão. Emana da neutralidade do Haver e do psiquismo. Ver Revirão.

Com-sideração – Modo de abordagem das formações para produção de conhecimento, sem dispensar a referência à Hiperdeterminação. Afetação recíproca entre formações, que estabelecem transas e transes em vários níveis, decorrentes da catoptria do Haver.

Comunicação – O ápice da comunicação ocorre no silêncio absoluto, na impossibilidade de dizer a experiência de Haver, mas vinculado absolutamente a ele. Nesse Vínculo Absoluto se fundamenta toda e qualquer comunicação, decorrente de transas e transes entre formações, herdeiras de vinculações aos regimes Primário e Secundário. Sua teoria mais genérica é a Transformática.

Conhecimento – Aplicação de uma formação (mais ou menos complexa) como tradutora de outra formação. Resultado necessário de transas entre as formações, mesmo que não exista ali nenhuma Idioformação. Tudo que se diz é da ordem do conhecimento.

Criação – Criar é ultrapassar o que já está dado, reverter o que parecia irreversível. A partir da indiferenciação interna no Haver, sob o empuxo da Hiperdeterminação, o indiscernível se discerne e o achado de algo novo é acolhido pela primeira vez. Ver Arte.

Criatividade – Simples re-combinatória de formações, sem recurso à HiperDeterminação. Contrapõe-se a Criação.

Cultura – Em sentido genérico e abrangente, é o modo de existência da espécie humana. Em um de seus sentidos específicos, é vista como Neo-etologia.

Enantiose ou enantiomorfismo – Possibilidade de reversão ao avesso absoluto, a partir da razão catóptrica ou razão enante-homórfica.

Formação – Toda e qualquer conjuntura destacável, desenhável, dentro do Haver, seja qual for a forma ou a materialidade de seus elementos ou dela mesma. O próprio Haver em sua plenitude é uma formação (aliás, de última instância), assim como o é o Revirão que se supõe funcionar no Haver.

Formação do Haver – O que quer que se organize, o que quer que se forme, espontânea ou industrialmente, como modalização decorrente da fractalidade do Haver, seja da ordem de um ser vivo, de uma formação psíquica, qualquer coisa. As formações do Haver se movimentam no empuxo d’ALEI, como ressonância ou metáfora da impossibilidade última de Haver passar a não-Haver. Ver ALEI.

Haver (A) – O conjunto aberto de tudo que há e que pode vir a haver. Inclui o chamado Universo.

HiperDeterminação – Empuxo do não-Haver que, como o nome diz, é tão exterior ao Haver que nem há, mas nele se inscreve e se re-inscreve na espécie humana, como Causa. Exasperação da diferença entre a homogeneidade do Haver como Um e o não-Haver. Aplica-se sobre o aparelho de Revirão, para suspender as determinações primárias e as sobredeterminações secundárias.

Homogeneidade – O Haver, em sua totalidade, é homogêneo no seu seio. O que dá a impressão de heterogeneidade são as fechaduras das formações, que impedem as transas dentro do Haver.

IdioFormação – Uma (qualquer) formação que tenha disponível para si (mesmo que não aplicada hic et nunc) a Hiperdeterminação. O Haver e o Homem são exemplos de Idioformações.

IdioFormação (Princípio de) – Idios: ‘mesmo’. O universo tem uma formação em reflexão, espelho, catoptria e, em última instância, produz algo que repete a sua reflexão. Repete-se a si mesmo. Ver Catoptria (Princípio de).

Imanência – O fato de haver formações coloca uma imanência da qual não se sai nunca. A transcendência é colocada de direito, mas não há de fato.

Indiferenciação (Indiferença) – Neutralização. Resultado da equivalência entre dois pólos opostos, com superação da dualidade, revelando um terceiro lugar que sofre o empuxo da HiperDeterminação. Estado neutro do Real.

Morte – ‘A Morte não há’, porque não há o gozo da morte. É impossível para qualquer um ter experiência de morte, sua ou de outro. O que existe são experiências de perda, castração.

Nada – Estado do Haver em neutralidade, sem diferença interna, o puro fundo de indiferença que revela a homogeneidade das formações do Haver. Equivale ao Chi, dos chineses.

não-Haver (Ã) – Averso radical do Haver. Designa o gozo absoluto requerido pela pulsão, o Impossível. É conjecturado, de direito, pela catoptria do Haver, mas de fato, ele não há. As IdioFormações, por sua constituição íntima, não podem não conjecturar o não-Haver em última instância, como Causa de desejo.

NovaMente (ou Nova Psicanálise) – Aparelho clínico de simulação da suspensão dos recalques, criado em 1986, por MD Magno, na linhagem de Freud e Lacan. Trata-se de uma reedificação da psicanálise com base nos mais importantes achados desses dois mestres. Tem se mostrado à altura de orientar uma leitura da situação atual do mundo, sobretudo em seus aspectos de conhecimento. Coaduna-se com as teorias contemporâneas da cosmologia e da física, e demonstrou antecipá-las em diversos pontos cruciais.

Pessoa – IdioFormação do caso humano. Situada em determinado pólo, apresenta foco e franja e, em sua extensão máxima, abrange o Haver por inteiro. Ver IdioFormação e Haver.

Ponto Bífido – Ponto neutro, com possibilidade (não de se orientar, mas) de ser direcionado ora para um lado ora para outro.

Prótese – Invenção resultante de invocação da Hiperdeterminação. Pode ser psíquica, verbal, tecnológica, etc. Imita nossa originalidade, pois a prótese fundamental é o Originário. Ver Originário.

Pulsão – Conceito fundamental da Nova Psicanálise que segue a última instância elaborada por Freud, a Pulsão de Morte. Inscreve-se no movimento da libido como tesão e estrutura-se como Revirão. O próprio movimento do que há como modo de funcionamento do Haver. Deste conceito se deduzem todos os outros: recalque, inconsciente, repetição, transferência, narcisismo, etc.

Real – Ponto absolutamente neutro, indiferente, que não dá passagem para o não-Haver, porque ele não há. Comparece no Haver como marca do não-Haver, como inscrição do impossível.

Recalque – Conceito que estrutura o pensamento psicanalítico. O que incide sobre as formações, embargando o movimento pleno da pulsão. O que quer que emperre o Revirão é fundação de Recalque. O que quer que não esteja comparecendo aqui e agora é da ordem do Recalque. Ver Recalque (Regimes ou Registros do).

Recalque (Níveis ou Regimes de) – 1º) Primário – Regime das formações materiais que o Haver oferece espontaneamente, recalcentes do Revirão. No Primário de nosso corpo há dois níveis: autossoma (constituição biótica) e etossoma (conjunto dos comportamentos inerentes ao autossoma). 2º) Secundário – Regime secretado pelas Idioformações como imitação do modo de produção do Primário. Inclui o que se chama de simbólico e de cultura. 3º) Originário – Quebra de Simetria no Haver e no psiquismo, dada pela impossibilidade de o Haver passar a não-Haver. Competência que têm as Idioformações de reviramento radical do que quer que se apresente. Fundamenta-se na axiomatização da ALEI.

Reificação – Processo progressivo/regressivo entre níveis, variando em três graus segundo sua intensidade. Primeiro grau (analogia): reificação branda que se dá no Secundário, por imitar o modo de construção do que estava no Primário, não sendo necessariamente recalcente. Segundo grau (metáfora): recalçamento. Terceiro grau (hipóstase): reificação do Secundário sobre o Primário, hiper-recalque, onde o que é proibido é tomado como impossível.

Revirão – Máquina lógica tomada como exemplar dos movimentos do psiquismo e do Haver. Decorre d’ALEI e se presentifica para as Idioformações na possibilidade que têm de pensar, querer e mesmo produzir o avesso de tudo que lhes é apresentado.

Secundário (Nível ou Regime) (Recalque) – Regime produzido pelas Idioformações enquanto referidas ao Primário (etossoma e autossoma), mas empuxadas pelo Originário, que é sua competência de reviramento radical do que quer que se lhes apresente. Inclui o que se chama de simbólico e cultura.

Simetria – Aquilo que é desejado pelo Haver e pelo psiquismo, por imposição da catóptria, de acordo com ALEI: Haver desejo de não-Haver.

Simetria, Quebra de – A fractalização do Haver diante de um espelho absoluto, por desejar seu avesso catóptrico e não conseguir atingi-lo. Ocorre pelo fato de não-Haver ser impossível. Inclui o que Freud chamou de castração e indicou como recalque originário (Urverdrangung).

Transcendência – Suposição de que há algo para além de nós.

Um – Tomar o Haver como um todo. Experiência radical de solidão absoluta e de reconhecimento de que há Um. Chegar à experiência de Haver diante de um não-Haver radical põe a experiência da totalidade como Um. Lugar onde todas as diferenças se suspendem.